

100

CENTENÁRIO
NISE DA SILVEIRA



Mostra

NISE DA SILVEIRA VIDA E OBRA

Cartilha de
Monitoria





Ministério da Saúde
Coordenação-Geral de Documentação e Informação
Centro Cultural da Saúde

Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro
Instituto Municipal Nise da Silveira
Museu de Imagens do Inconsciente

NISE DA SILVEIRA VIDA E OBRA

Cartilha de Monitoria

Rio de Janeiro – RJ
2006



Sumário

<i>O Centro Cultural da Saúde</i>	5
<i>O Museu de Imagens do Inconsciente</i>	8
<i>Nise da Silveira: Vida e Obra</i>	10
<i>Objetivo</i>	11
<i>Público-Alvo</i>	11
<i>Módulo 1</i>	12
<i>Prisma 1 - Imagens do Inconsciente</i>	13
<i>Prisma 2 - Nise da Silveira, uma psiquiatra rebelde</i>	14
<i>Prisma 3 - Seção de Terapêutica Ocupacional</i>	16
<i>Prisma 4 - O Ateliê de Pintura</i>	18
<i>Prisma 5 - Museu de Imagens do Inconsciente</i>	19
<i>Prisma 6 - O Afeto Catalisador</i>	21
<i>Prisma 7 - O Encontro com Jung</i>	22
<i>Prisma 8 - Arqueologia da Psique</i>	24
<i>Banners Datas, Fatos e Fotos</i>	25
<i>Módulo 2</i>	30
<i>Painéis</i>	31
<i>Vitrines</i>	40
<i>Módulo 3</i>	42
<i>O tema mítico de Mithra</i>	42
<i>O tema mítico do Dragão-Baleia</i>	45
<i>O tema mítico de Dionisos</i>	46
<i>O tema mítico de Dafne</i>	48
<i>Obras</i>	50

<i>Mandalas</i>	51
<i>Módulo 4</i>	54
<i>Peças Avulsas</i>	57
<i>Banners de fachada</i>	57
<i>Projeto de Cooperação Técnica</i>	58
<i>O Ateliê de Pintura por Emygdio de Barros</i>	61
<i>Fotos de eventos e oficinas no CCS</i>	62
<i>Leituras Complementares</i>	63
<i>Bibliografia</i>	73
<i>Indicações de Leitura</i>	73
<i>Anexo I</i>	
<i>Treinamento Totem Multimídia</i>	75
<i>Anexo II</i>	
<i>Rotina de Limpeza e Manutenção</i>	79
<i>Anexo III</i>	
<i>Outros procedimentos necessários</i>	80





O Centro Cultural da Saúde

Situado em um prédio histórico na Praça Marechal Âncora, no Rio de Janeiro, que serviu como pavilhão de geografia e estatística na exposição comemorativa do centenário da Independência, em 1922, abrigando também, durante 50 anos, o setor de Vigilância Sanitária do Rio de Janeiro, o Centro Cultural da Saúde (CCS) iniciou suas atividades em dezembro de 2001.

Sua missão é promover e integrar os campos da informação e da comunicação, utilizando-se de uma linguagem criativa que permita aos visitantes conhecer e compreender aspectos históricos, sociais, políticos e científicos da saúde pública no Brasil.

O CCS se caracteriza como um espaço democrático e interativo que visa a favorecer o debate, a produção e a disseminação do saber no setor saúde, por meio da realização de mostras temáticas – locais, virtuais e itinerantes – que, dentro de uma abordagem artística, colocam na pauta cultural temas de interesse público.

O objetivo do trabalho é democratizar o acesso público à informação em saúde.

Mostras temáticas e exposições convidadas pelo CCS

A mostra inaugural foi *Memória da Loucura*, que apresentou os 150 anos da psiquiatria no Brasil, desde a criação do Hospício de Pedro II até os dias atuais, os avanços alcançados com a Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, a chamada Lei Antimanicomial, que dispõe sobre a humanização dos métodos e dos tratamentos e a inclusão social dos usuários dos serviços de saúde mental. Esse trabalho está em itinerância, já tendo sido montado em Santo André (SP), Betim (MG), Nova Friburgo (RJ), Ouro Preto (MG), Fortaleza (CE), Feira de Santana e Salvador (BA), Recife (PE), Campina Grande (PB) e Maceió (AL), agregando, em cada cidade, exposições, informações e experiências locais, envolvendo gestores, profissionais e usuários dos programas municipais.

A exposição *Cinco Artistas de Engenho de Dentro*, integrante da mostra Retrospectiva

do Cinquentenário do Museu de Imagens do Inconsciente, apresentou 63 obras do acervo do museu, em sua maioria inéditas para o grande público, permitindo constatar a sensibilidade e o talento de pessoas subjugadas pela sociedade que viveram internadas em hospitais psiquiátricos. As pinturas de Carlos Pertuis, Arthur Amora e Emygdio de Barros, as esculturas de Abelardo Corrêa e as fotografias de Geraldo Aragão revelam artistas reconhecidos pelo valor estéticos de seus trabalhos. A cenografia foi de Daniela Thomas e Felipe Tassara. A retrospectiva é hoje exposição permanente do Museu de Imagens do Inconsciente.

A mostra *A Saúde Bate à Porta* trouxe o conceito e a trajetória do Programa Saúde da Família (PSF). Painéis informativos e a linha do tempo ilustram o programa e seu impacto como uma nova metodologia de reestruturação da atenção básica à saúde da população. Destaque para a exposição fotográfica de Rui Faquini, com textos de TT Catalão, e a ambientação artística de uma casa, idealizada pela arquiteta Gisela Magalhães, caracterizando o espaço de ação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

Potencializando os trabalhos já realizados, foram apresentadas as exposições *Imagens da Peste Branca: Memória da Tuberculose e Dengue*, em parceria com a Casa de Oswaldo Cruz (COC) – Museu da Vida/Fundação Oswaldo Cruz – e o Centro de Referência Professor Hélio Fraga, da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), que traçam o panorama de duas doenças que persistem no cenário histórico do País até os dias de hoje.

Em conjunto com a Coordenação-Geral de Prevenção à Violência e Causas Externas do Ministério da Saúde, com entidades públicas e a sociedade, foi organizada a mostra *Sociedade Viva – Violência e Saúde*, tendo como tema central a participação comunitária – o saber, a prática e a organização da sociedade – numa integração de iniciativas e informações das organizações governamentais e não-governamentais na efetivação de ações e políticas públicas voltadas à promoção da saúde, à humanização das cidades e à prevenção dos acidentes e violências. Essa mostra, também em itinerância, já esteve em Natal (RN), em Recife (PE) e Campo Grande (MS).

Novamente em parceria com a Casa de Oswaldo Cruz – Museu da Vida/Fundação Oswaldo Cruz –, o CCS apresentou a exposição *Paleopatologia – O Estudo da Doença no Passado*, que apresentou textos antigos, objetos, corpos mumificados e ossos.

Engajado na proposta de mobilização dos diversos segmentos da sociedade para uma atuação integrada no enfrentamento de problemas da área social, o CCS disponibilizou seu espaço para as exposições fotográficas *Trópicos do Abandono* e *Sua Rua, Minha Vida*, produzidas pela Organização Médicos sem Fronteiras.

Mais uma parceria com o Museu de Imagens do Inconsciente leva ao Centro



Cultural da Saúde O *Museu Vivo de Engenho de Dentro*, com os trabalhos dos usuários contemporâneos dos ateliês terapêuticos do Instituto Municipal Nise da Silveira. As obras reunidas na exposição impressionam por sua arte e sensibilidade, confirmando a importante trajetória da luta antimanicomial em nosso País.

Em seguida, em parceria com o IRB-Brasil Resseguros S. A. e Projeto Portinari, o CCS apresentou a exposição *Portinari: Arte e Ciência*, composta de 14 módulos contendo 30 réplicas de obras de Cândido Portinari, associadas a um conjunto de atividades de arte, ciência e educação – experimentos científicos, jogos e oficinas, despertando nos visitantes a compreensão de fenômenos científicos por meio da arte.

A mostra *Nise da Silveira: Vida e Obra* é outra parceria entre o Museu de Imagens do Inconsciente e o CCS e revela parte do universo da médica que revolucionou a psiquiatria no Brasil com seu trabalho pioneiro à frente do Setor de Terapêutica Ocupacional do Museu, descartando métodos tradicionais de tratamento como o eletrochoque e a lobotomia.



O Museu de Imagens do Inconsciente

Inconformada com os métodos violentos dos tratamentos psiquiátricos como o eletrochoque, o coma insulínico, a lobotomia, a psiquiatra Nise da Silveira encontra na terapêutica ocupacional uma forma de tratamento para os usuários de saúde mental.

Funda, em maio de 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional no antigo Centro Psiquiátrico Nacional do Rio de Janeiro, atual Instituto Municipal Nise da Silveira. A produção dos ateliês de pintura e de modelagem foi tão abundante e revelou-se de tão grande interesse científico e utilidade no tratamento, que deu origem, em 1952, ao Museu de Imagens do Inconsciente.

Atualmente seu acervo contém mais de 350 mil obras dentre pinturas, desenhos, modelagens, xilogravuras e é, no gênero, uma das maiores e mais diferenciadas coleções do mundo.

Além do reconhecimento do valor artístico do acervo pelos artistas e críticos de arte o Museu realizou, ao longo de sua existência, mais de 100 exposições no Brasil e no exterior, dando maior ênfase ao aspecto científico da coleção. Essas exposições sempre atraíram grande público, seja pelo fascínio das formas como também pela revelação do inconsciente.

As imagens produzidas no ateliê levantam questões, interrogações que não encontram resposta na formação psiquiátrica acadêmica. Essas questões impulsionaram a Dra. Nise para a busca de conhecimento e aprofundamento dos processos que se desdobravam no interior daqueles indivíduos, revelados através das imagens e símbolos.

O Museu vem divulgando esses conhecimentos acumulados ao longo de sua existência por meio de exposições, cursos, publicações e documentários audiovisuais, que são regularmente apresentados nas principais universidades e centros de cultura do país e no exterior.

O trabalho da Dra. Nise da Silveira no Museu faz parte da reforma psiquiátrica,





e vem exercendo influência no processo de transformação dos espaços e dos métodos terapêuticos, constituindo-se em um centro de referência na área da Saúde Mental.

O Museu está localizado no bairro de Engenho de Dentro no Rio de Janeiro, e é uma das unidades que compõem o Instituto Municipal Nise da Silveira.

Em 2004 suas principais coleções foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A mostra Nise da Silveira - Vida e Obra, comemorativa do seu centenário de nascimento tem como objetivo resgatar, por meio de painéis de datas, fatos e fotos o legado deixado pela Dra. Nise da Silveira, sua participação na prática dos Serviços de Saúde Mental e na Reforma Psiquiátrica no Brasil, na perspectiva biográfica, científica e artística.

Endereço: Rua Ramiro Magalhães, 521 - Engenho de Dentro

CEP 20730-460 - Rio de Janeiro

Telefone (55 21) 3111 7471 Fax (55 21) 3111 7465

Diretor: Luiz Carlos Mello

<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/>

NISE DA SILVEIRA VIDA E OBRA

O Centro Cultural da Saúde do Ministério da Saúde, em parceria com o Museu de Imagens do Inconsciente do Instituto Municipal Nise da Silveira, apresenta ao público a mostra NISE DA SILVEIRA - VIDA E OBRA, uma retrospectiva biográfica da psiquiatra que revolucionou os métodos de atendimento ao portador de transtornos mentais no Brasil.

A iniciativa é o reconhecimento pelo relevante trabalho junto às instituições de Saúde Mental e pelo pioneirismo das ações que desencadearam a Reforma Psiquiátrica no País e também marca as comemorações no ano do seu centenário de nascimento.

NISE DA SILVEIRA - VIDA E OBRA revela o universo de trabalho dessa psiquiatra, considerada por muitos como rebelde por discordar dos métodos tradicionais de tratamento como o eletrochoque, a lobotomia, o coma insulínico e a eletroconvulsoterapia.

A mostra dispõe em módulos expositivos os principais resultados de sua pesquisa ao longo de 40 anos à frente do Setor de Terapêutica Ocupacional do Museu de Imagens do Inconsciente. O trabalho da Dra. Nise permite a identificação de pontos emblemáticos em casos de pacientes internados por muitos anos em instituições asilares expressados em desenhos, pinturas, colagens e esculturas, correlacionados à simbologia da mitologia e aos arquétipos identificados por Carl Gustav Jung.

Para conhecer um pouco mais do cotidiano dessa notável cidadã brasileira, a mostra exibe ainda objetos pessoais, publicações e correspondências, além de oficinas, exibição de vídeos, oficinas de pintura e eventos culturais.





Objetivo

Resgatar o legado deixado pela Dra. Nise da Silveira dentro de uma perspectiva biográfica, artística e científica, e divulgar sua participação na prática dos serviços de saúde mental e sua importância na reforma psiquiátrica no Brasil.

Levar ao público o debate acerca do preconceito e da exclusão social por meio de eventos na área de saúde mental.

Público-Alvo

Profissionais e estudantes da área de saúde, usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), estudantes do ensino médio e fundamental e público interessado na temática abordada.

Módulo 1

Museu de Imagens do Inconsciente: O legado de uma vida



Prisma 1 - Imagens do Inconsciente

Nise da Silveira foi uma personalidade ímpar na história das ciências, das artes e da cultura brasileira do século XX. Seu trabalho no campo da psiquiatria abriu novas perspectivas para a pesquisa científica da psique humana e para o tratamento das doenças mentais.

Pioneira no processo libertário da Reforma Psiquiátrica no Brasil, criou a Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro. Nos ateliês, os pacientes poderiam desenvolver trabalhos manuais e atividades artísticas como música, pintura, modelagem e teatro. Com meios precários, cercada de incompreensões e preconceitos, fundou no hospital o Museu de Imagens do Inconsciente, com o acervo produzido pelos freqüentadores dos ateliês – um patrimônio científico e cultural reconhecido mundialmente.

O acervo, hoje com mais de 350 mil obras e documentos históricos, é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e está disponível a pesquisadores de todas as áreas do conhecimento.

A mostra ora apresentada é uma síntese das principais pesquisas científicas realizadas no Museu e faz parte das comemorações do centenário de nascimento da Dra. Nise da Silveira, que envolvem exposições, publicações, cursos e congressos – com destaque para a exposição Imagens do Inconsciente, em Paris, no Ano do Brasil na França 2005.

A iniciativa é resultado da parceria entre a Coordenação-Geral de Documentação e Informação do Ministério da Saúde, a Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente e o Instituto Municipal Nise da Silveira, órgão da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.



Imagens do Inconsciente

Prisma 2 - Nise da Silveira, uma psiquiatra rebelde

Nise da Silveira nasceu em 1905 em Maceió, Estado de Alagoas. Formada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926, dedicou-se à psiquiatria sem nunca aceitar as formas agressivas de tratamento da época, tais como a internação, os eletrochoques, a insulino-terapia e a lobotomia.

Nise da Silveira é presa como comunista e afastada do Serviço Público de 1936 a 1944. Anistiada, funda em 1946 a Seção de Terapêutica Ocupacional no antigo Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, que hoje leva seu nome. Em 1952, cria o Museu de Imagens do Inconsciente, um Centro de Estudo e de Pesquisa que reúne obras produzidas nos ateliês. Também é responsável pela formação do Grupo de Estudos C.G. Jung, em abril de 1955, e no ano seguinte, juntamente com um grupo de pessoas animadas pelas mesmas idéias, dá vida a mais um projeto: a criação da Casa das Palmeiras, uma clínica destinada ao tratamento de egressos de instituições psiquiátricas, onde atividades expressivas são realizadas livremente, em regime de externato.

“Aquilo que se impõe à psiquiatria é uma verdadeira mutação, tendo por princípio a abolição total dos métodos agressivos, do regime carcerário, e a mudança de atitude face ao indivíduo, que deixará de ser o paciente para adquirir a condição de pessoa, com direito a ser respeitada.”

Nise da Silveira

Foi também pioneira no Brasil na pesquisa das relações afetivas entre pacientes e animais, aos quais chamava de co-terapeutas.

Como reconhecimento à importância de sua obra, Dra. Nise recebeu condecorações, títulos e prêmios em diferentes áreas do conhecimento: saúde, educação, arte e literatura. Seu trabalho e seus princípios inspiraram a criação de Museus, Centros Culturais e instituições terapêuticas no Brasil e no exterior. Por meio de seu trabalho introduziu a psicologia junguiana no Brasil.

Faleceu em 30 de outubro de 1999.



Suas pesquisas deram origem ao longo dos anos a exposições, filmes, documentários, audiovisuais, simpósios, publicações, conferências e cursos tanto sobre terapêutica ocupacional quanto sobre a importância das imagens do inconsciente na compreensão do processo psicótico.

“A Terra Mãe brasileira tem dado à luz grandes mulheres que marcaram e transformaram o Brasil, isso logo percebemos e Dra. Nise da Silveira, sem dúvida, foi uma delas. Suas pesquisas e observações, o imenso material colecionado do mundo imaginário de seus pacientes, as imagens do inconsciente, foram uma contribuição preciosa para termos uma nova compreensão do mundo da psicose e da psicologia em geral do ser humano.”

Léon Bonaventure

“A Dra. Nise da Silveira é a mulher do século no Brasil, por ter nos dado uma visão mais humana e inovadora da loucura como expressão da riqueza subjetiva de pessoas que são consideradas deficientes mentais ou portadoras de distúrbios psíquicos.

A Dra. Nise nos ensina a descobrir por trás de cada louco, um artista; por trás de cada artista, um ser humano com fome de beleza, sede de transcendência.”

Frei Betto



Nise da Silveira, uma psiquiatra rebelde

Algumas instituições criadas a partir do trabalho da dra. Nise da Silveira:

- Association Nise da Silveira Images de l'inconscient, Paris (França)
- Museo Attivo delle Forme Inconsapevoli, Gênova (Itália)
- Centro de Estudos Imagens do Inconsciente, Universidade do Porto (Portugal)

No Brasil:

- Centro de Estudos Nise da Silveira, Juiz de Fora (MG)
- Museu Bispo do Rosário, Instituto Municipal Juliano Moreira, Rio de Janeiro (RJ)
- Espaço Nise da Silveira - Núcleo de Atenção Psicossocial, Recife (PE)
- Fundação Clube Terapêutico Nise da Silveira, Salvador (BA)
- Núcleo de Atividades Expressivas Nise da Silveira, Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre (RS)

Prisma 3 - Seção de Terapêutica Ocupacional

Na década de 40, Nise da Silveira, inconformada com os agressivos métodos de tratamento, busca novas formas terapêuticas para os internos do Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro, atual Instituto Municipal Nise da Silveira, onde trabalhava.

A sensibilidade de Nise da Silveira apontava para outros caminhos que não fossem o coma insulínico, ou o eletrochoque, que provoca crises convulsivas e perda da consciência. Nise não conseguia aceitar essas práticas.

Funda em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional, instalando diversas atividades e imprimindo-lhes um caráter predominantemente expressivo e não exclusivamente pragmático, segundo uso na época. Seu interesse era compreender o que se passava no mundo interno daqueles indivíduos tão herméticos, cuja linguagem verbal, dissociada e cheia de neologismos, tornava difícil a comunicação.



“A comunicação com o esquizofrênico, nos casos graves, terá um mínimo de probabilidade de êxito se for iniciada no nível verbal de nossas relações interpessoais. Isso só ocorrerá quando o processo de cura já se achar bastante adiantado. Será preciso partir do nível não-verbal.

É aí que particularmente se insere a terapia ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizáveis por aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente, isto é, no mundo arcaico de pensamentos, emoções e impulsos fora do alcance das elaborações da razão e da palavra.

O exercício de atividades poderá adquirir importante significação. Em vez dos impulsos arcaicos exteriorizarem-se desabridamente, lhes oferecemos o declive que a espécie humana sulcou durante milênios para exprimi-los: dança, representações mímicas, pintura, modelagem, música. Será o mais simples e o mais eficaz.”

Nise da Silveira

A Seção de Terapêutica Ocupacional desenvolveu-se progressivamente até instalar 17 núcleos de atividades, com o objetivo de estimular a capacidade de expressão de seus freqüentadores.



Seção de Terapêutica Ocupacional

Prisma 4 - O Ateliê de Pintura

O ateliê de pintura era inicialmente apenas um setor de atividade entre vários outros setores da Seção de Terapêutica Ocupacional. Mas aconteceu que desenho e pintura espontâneos revelaram-se de tão grande interesse científico e artístico que esse ateliê logo adquiriu posição especial.

Apesar de nunca terem pintado antes da doença, muitos dos freqüentadores do ateliê, todos esquizofrênicos, manifestavam intensa exaltação da criatividade imaginária, que resultava na produção de pinturas em número incrivelmente abundante, num contraste com a atividade reduzida de seus autores fora do ateliê, quando não tinham mais nas mãos os pincéis.

O Museu de Imagens do Inconsciente, nas palavras de Mário Pedrosa, “é mais do que um museu, pois se prolonga de interior a dentro até dar num ateliê onde artistas em potencial trabalham, fazem coisas, criam, vivem e convivem.

Ali, com efeito, se foi reunindo ao acaso todo um grupo de enfermos - esquizofrênicos - tirados do pátio do hospício para a seção de terapêutica ocupacional, desta para o ateliê, do ateliê para o convívio, onde passou a gerar-se o afeto e o afeto a estimular a criatividade”.

“Era surpreendente verificar a existência de uma pulsão configuradora de imagens sobrevivendo mesmo quando a personalidade estava desagregada.”

Nise da Silveira



O Ateliê de Pintura

“Na escola viva que eram os ateliês de pintura e de modelagem, a escola que eu freqüentava cada dia, constantemente levantavam-se problemas. Dificuldades que conduziam a estudos apaixonantes e muitas vezes tornavam necessária a procura de ajuda fora do campo da psiquiatria - na arte, nos mitos, religiões, literatura, onde sempre encontraram formas de expressão as mais profundas emoções humanas.”

Nise da Silveira

Prisma 5 - Museu de Imagens do Inconsciente

O Museu de Imagens do Inconsciente teve origem nos ateliês de pintura e modelagem da Seção de Terapêutica Ocupacional criada por Nise da Silveira.

A produção desses ateliês foi tão abundante e revelou-se de tão grande interesse científico e utilidade no tratamento psiquiátrico que pintura e modelagem assumiram posição peculiar. Daí nasceu a idéia de organizar-se um museu que reunisse as obras criadas nesses setores de atividade, a fim de oferecer ao pesquisador condições para o estudo de imagens e símbolos e para o acompanhamento da evolução de casos clínicos através da produção plástica espontânea.

Em 20 de maio de 1952 foi inaugurado o Museu de Imagens do Inconsciente. Estando diretamente vinculado aos ateliês de pintura e de modelagem, o Museu não cessou de crescer. Seu acervo possui atualmente cerca de 350 mil documentos entre telas, desenhos, pinturas e modelagens. O Museu é um centro vivo de estudo e pesquisa. Organiza exposições, reúne um grupo de estudos, promove cursos e oferece aos interessados campo para pesquisa.

O método de trabalho no Museu consiste principalmente no estudo de séries de imagens. Isoladas, parecem sempre indecifráveis. Com surpresa, verifica-se que nos permitem acompanhar o desdobramento de processos intrapsíquicos. Não raro verifica-se que essas séries contêm significações paralelas a temas míticos. Essas pesquisas de paralelos históricos têm importância tanto teórica quanto prática. A tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional que está sendo vivida pelo indivíduo.



Museu de Imagens do Inconsciente

“Confio na continuidade e expansão deste trabalho. Trata-se de uma coleção que já tem fama internacional. (...) representa uma contribuição de grande importância para o estudo científico do processo psíquico”

Ronald Laing
Escritor e psiquiatra inglês
Um dos fundadores do movimento da antipsiquiatria

“As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim constituindo em si verdadeiras obras de arte.”

Mário Pedrosa

Prisma 6 - O Afeto Catalisador

Repetidas observações demonstraram que dificilmente qualquer tratamento será eficaz se o doente não tiver ao seu lado alguém que represente um ponto de apoio sobre o qual ele faça investimento afetivo. Em qualquer oficina de terapêutica ocupacional este ponto de referência é a monitora ou o monitor. Num ateliê ou oficina, o monitor funciona como uma espécie de catalisador. A volta à realidade depende em primeiro lugar do relacionamento confiante com alguém, relacionamento que se estenderá aos poucos a contatos com outras pessoas e com o ambiente.



O Afeto Catalisador

Depois de já haver se reaproximado do mundo real, Fernando Diniz regride por motivos adversos: morte da mãe e suas conseqüências. Mergulha no espaço escuro. Durante longo período suas pinturas foram garatujas caóticas. Mas impressionava em Fernando a fixa crispação de angústia de sua face. Dra. Nise tenta então a experiência de colocar uma monitora com a função exclusiva de permanecer a seu lado no ateliê. A mo-

nitona não intervinha, não opinava sobre as pinturas. Apenas ficava ali, silenciosa, numa atitude de interesse e simpatia por qualquer coisa que ele fizesse, mesmo suas espessas garatujas. Um mês depois de iniciada a experiência, Fernando começa a retirar do caos um novo mundo. Surge, no ângulo superior esquerdo do papel coberto de garatujas, uma forma surpreendente: “o penteado da japonesa”, segundo diz Fernando.



Toda a série da japonesa caracteriza-se pela delicadeza do desenho e leveza das cores, em contraste com a maneira habitual de Fernando pintar - pinceladas espessas e cores fortes. Esta temática parecia estranha. Mas logo se esclareceu quando Fernando disse à monitora que ela parecia uma japonesa.

O relacionamento com a monitora levou Fernando a um contato muito melhor com o ambiente. Não só catalisou a coordenação de funções psíquicas e a construção de síntese em torno da japonesa, como religou-o ao mundo externo. Nesse período pintou uma série de paisagens ao ar livre que refletem bem de perto o mundo real.



Prisma 7 - O Encontro com Jung

O Museu de Imagens do Inconsciente participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique, 1957. A exposição foi aberta por C. G. Jung na manhã de 2 de setembro. Ele visitou toda a exposição, detendo-se particularmente na sala onde se encontravam as mandalas, fazendo sobre o assunto comentários e interpretações.

Deste primeiro contato originou-se um relacionamento que não só viria introduzir a psicologia junguiana no Brasil, mas constituir-se-ia também numa nova abertura para melhor compreensão da psicose e dos conteúdos que daí emergem. Confirmava-se então, que as atividades expressivas, além de possuírem validade terapêutica, eram também excelente meio para o conhecimento dos processos que se desenrolam na obscuridade do inconsciente. Aplicando à terapêutica ocupacional as descobertas de Jung, abrem-se novas perspectivas para este método.

Segundo a psiquiatria dominante, a cisão das diferentes funções psíquicas é uma das características mais importantes da esquizofrenia. Seria de esperar, muito logica-

“Se houver alto grau de crispação do consciente, muitas vezes só as mãos são capazes de fantasia.”

C.G. Jung

mente, que as cisões internas se refletissem na produção plástica pela ruptura, pela fragmentação das formas. Entretanto, imagens circulares ou tendendo ao círculo, algumas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, também se faziam presentes na produção espontânea dos freqüentadores do ateliê do hospital psiquiátrico.

A analogia era extraordinariamente próxima entre essas imagens e aquelas descritas sob a denominação de mandala em textos referentes a religiões orientais. Uma escolha de imagens desse tipo veio constituir o primeiro álbum do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. Ali estava uma documentação reunida empiricamente, mas as dúvidas teóricas permaneciam. Aquelas imagens seriam mesmo mandalas? E em caso afirmativo, como interpretá-las na pintura de esquizofrênicos? Então a Dra. Nise escreveu uma carta ao próprio C. G. Jung enviando-lhe algumas fotografias de mandalas brasileiras.

Essas formas, respondeu Jung, demonstram que a psique perturbada, fragmentada, possui um potencial reorganizador e autocurativo que se configura sob a forma de imagens circulares denominadas mandalas.



O Encontro com Jung

Prisma 8 - Arqueologia da Psique

No dia 14 de junho de 1957 a Dra. Nise da Silveira foi recebida por C. G. Jung, na sua residência de Kuschacht (Suíça). Sentada diante do mestre, falou-lhe do desejo de aprofundar seu trabalho no hospital psiquiátrico, de suas dificuldades de autodidata. Ele a ouviu muito atento e perguntou-lhe:

– Você estuda mitologia?

– Não, respondeu Nise.

– Pois se você não conhecer mitologia nunca entenderá os delírios de seus doentes, nem penetrará na significação das imagens que eles desenhem ou pintem. Os mitos são manifestações originais da estrutura básica da psique. Por isso seu estudo deveria ser matéria fundamental para a prática psiquiátrica.

De volta ao trabalho no hospital do Engenho de Dentro, para sua grande surpresa, Dra. Nise defrontou-se logo com o caso clínico de uma mulher que estava revivendo o tema mítico de Dafne.

O Tema Mítico de Dafne

Apolo apaixonou-se pela ninfa Dafne, filha do Rio Ladão e da Mãe Terra. Ela se esquivava, mas o deus não aceita ser recusado. Apolo persegue Dafne. Fugindo sempre, a ninfa busca refúgio junto de sua mãe, a terra, que a acolhe e a metamorfoseia em vegetal.

O mito de Dafne exemplifica a condição da filha que se identifica tão estreitamente com a mãe, a ponto dos próprios instintos não lograrem desenvolver-se.



Por estranho que pareça, Adelina Gomes, modesta mestiça do interior do Estado do Rio, reviveu o mito da ninfa grega Dafne. Numa situação conflitiva, ela se rendeu e disse: “Eu queria ser flor.”

A partir daí a Dra. Nise verificou pela experiência quanto Jung tinha razão.

A mitologia não era estudo para diletantismo de eruditos. Era um instrumento de trabalho de uso cotidiano indispensável na prática da psiquiatria.

Banners Datas, Fatos e Fotos

DATAS, FATOS E FOTOS DE 1946 A 1975

CRIAÇÃO DOS ATELÊS

1946 (1) Nise da Silveira funda a Seção de Terapias Ocupacionais (STO) no Centro Psiquiátrico Nacional de Engenheiro de Dourados, Instituto Municipal Nise da Silveira.
(2) Primeira Exposição de trabalhos no Centro Psiquiátrico Nacional.

1947 (1) Primeira exposição externa, apresentada 245 pinturas no prédio do Ministério da Educação e Cultura - Rio de Janeiro.
(2) Exposição de Artistas de Engenheiro de Dourados, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Curadoria de Mário Pedrosa e Leon Degandt.

FUNDADAÇÃO DO MUSEU

1950 (1) A exposição de Artistas de Engenheiro de Dourados é apresentada no Salão Niterói da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Essa mostra foi montada pelo debate entre os artistas Nise Pedrosa e Quirino Camporosso sobre o valor artístico das obras.
(2) Primeira exposição internacional, no I Congresso Internacional de Psiquiatria em Paris. A mostra foi publicada posteriormente no livro *L'Art Psychoanalytique*, de Robert Yonjat.

1952 (1) O Museu de Imagens do Inconsciente é inaugurado em Jil de mar.

1954 (1) Nise da Silveira expõe com a Carl Gustav Jung, indagando sobre questões referentes ao simbolismo da natureza. Esse fato marcou a introdução da psicologia Junguiana na América Latina.

1955 (1) O Museu participa da exposição *Artists Exhibition and Modernism*, no Museu de Etnografia de Neuchâtel, Suíça.

1956 (1) Inauguração das novas instalações do Museu, com a visita das professoras Henri Ey (Paris), López Izor (Madrid) e Ramon Sigm (Barcelona).
(2) Fundação da Casa das Internas, clínica psiquiátrica em regime de internação para localizar no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.
(3) O encontro com Jung. O Museu apresenta a exposição *Aqui e ali* em imagens, por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria realizado em Zurique, Suíça.
(4) Fernando Ditz recebe a primeira obra decorada na exposição de Hotel de Ville, Paris, promovida pela Federação das Sociedades de Arte Moderna.

1958 (1) Fundação do Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente.
(2) O Museu passa a organizar pelo menos uma exposição anual em sua sede.

ESTUADOS E PESQUISAS

(1) Primeira representação no Brasil das Esculturas, de Esclafones, reinventado através, broncos e diábolos. Nessa época reuniram em torno de Nise um grupo de jovens artistas, intelectuais, jornalistas: Rubens Correia, Lino Mesquita, Maurício Pires, dentre outros. Uma verdadeira efervescência cultural.

1961 (1) O presidente da Fundação Nise Quadros após convencer Nise da Silveira para apresentar um plano de trabalho, sanciona o Decreto 51.159, que define outras coisas, inclusive "um Museu de obras plásticas, que terá como centro de estudo e pesquisa".

1968 (1) Nise funda o Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente.

A RESISTÊNCIA

(1) O reconhecimento da estrutura militar refletiu-se na direção geral do Centro Psiquiátrico Nise II. Correu o estabelecimento da Seção de Terapias Ocupacionais e o Museu passou a abrigar as atividades recreativas. Discorso sobre pesquisas de Nise da Silveira. O uso indiscriminado dos medicamentos, com a perda de controle de força química, impedindo a prática de atividades expressivas. O confinamento estéril e asper, tirando as possibilidades de "testes".

1973 (1) O Ministério da Saúde Machado de Lencina, impressionado com uma visita feita ao Museu, bairros e Portaria 21/1/1978 com a mesma finalidade do Decreto Presidencial nº 51.159. Esta portaria, assim como o decreto, nunca foram cumpridos.

1974 (1) Fundação da Sociedade Amiga do Museu de Imagens do Inconsciente, articulada pela advogada Zol Nononha Freitas. A participação de pessoas altamente qualificadas, com grande interesse pelas atividades do Museu, foi determinante para sua sobrevivência.

1975 (1) Nise da Silveira é aposentada compulsoriamente. No dia seguinte apresenta-se ao CPID como a mais nova estagiária.
(2) Exposição *Imagens do Inconsciente*, em comemoração ao centésimo de nascimento de Jung, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e em outras cidades brasileiras.
(3) Um grupo de jovens estudantes, liderados por Nise, realizou o projeto *Imaginal*, uma comunidade de estudos e pesquisas iniciada a fim de criar um futuro espaço.

1977 (1) Exposição *Trinta Anos de Psiquiatria*, no Centro Portão.
(2) Fernando Ditz é transferido definitivamente para a Colônia Juazeiro Horácio.

1978 (1) Lançamento do livro *Os Casos de Octávio Iglicki*, pela FINEST.

1979 (1) Projeto *Tratamento Psicopático e Manutenção do Museu*, realizado pela Sociedade Amiga do Museu de Imagens do Inconsciente, com iniciativa de Octávio Iglicki, sob o projeto: possibilidades educadoras e culturais, com a participação e acompanhamento de parte significativa do corpo e tratamento e manutenção do espaço.
(2) Exposição *Desenhos e Pinturas de Fernando Ditz*, na Galeria Sérgio Millet, Curadoria de Mário Pedrosa.

A EXPANSÃO

1980 (1) Realização de 15 demonstrações públicas formando a série *O Mundo das Imagens*, com iniciativa de Nise da Silveira, direção de Luiz Carlos Magalhães e montagem de Kristopher Zinner.
(2) Exposição *Esculturas*, no IAM, Rio de Janeiro. Curadoria de Mário Pedrosa.
(3) Publicação de *Voluntários II*, da Comissão Municipal Brasileira, com Flávio de Azevedo.

1981 (1) Mudança do Museu para a sede atual, no complexo atualizado.
(2) Lançamento do livro *Imagens do Inconsciente*, de Nise da Silveira.
(3) O Museu participa do XVI Bienal de São Paulo, no módulo *Arte Inconsciente*.

1983 (1) Leon Feinstein realiza a *Trilogia Imagens do Inconsciente*, apresentada em 16 dias.

1987 (1) A exposição *Os Inconscientes Escritos de Sigmund Freud* promove pesquisa desenvolvida no Museu, além de recursos de apoio no Rio e posteriormente em Porto Alegre e Belo Horizonte.

1988 (1) Exposição *Os Casos de Octávio Iglicki*. XII Congresso Internacional de Psiquiatria da Exposição, do Copacabana Palace, Rio de Janeiro.

O MUSEU NO EXTERIOR, O MUNDO DAS IMAGENS

1991 (1) Exposição O Universo de Fernando Ditz, Rio de Janeiro, RJ.

1992 (1) Realização do Livro *O Mundo das Imagens*, de Nise da Silveira.

1993 (1) Exposição *Imagens da Pesquisa*, de Lúcia Freix, Casa França Brasil, Rio de Janeiro, Brasília e Curitiba.

1994 (1) Exposição *Imagens do Inconsciente*, em Brasília, Feira de Livro de Frankfurt, Alemanha.
(2) Exposição *Os Inconscientes Escritos de Sigmund Freud*, Fundação Getúlio Vargas, Lisboa, Portugal.

1995 (1) Exposição *Os Inconscientes Escritos de Sigmund Freud*, Instituto Itaú, Latin American de Roma, com representante da Comunidade do Museu de Língua Portuguesa, por ocasião das comemorações do centésimo da Organização para Nações Unidas.

1996 (1) 18ma Exposição de Ode Pontes, com curadoria de Fernando Ditz e Marcos Magalhães, premiado em diversos países.

2000 (1) O Centro Psiquiátrico Nise II é implantado, passando a integrar o Secretariado Municipal de Saúde, em homenagem à fundadora do Museu, passa a se chamar Instituto Municipal Nise da Silveira.
(2) O módulo *Imagens do Inconsciente*, do Museu de Desenvolvimento, Brasil 500 Anos, é montado pelo próprio e inicia uma série de atividades. A exposição é visitada por mais de 2 milhões de pessoas em São Paulo, seguindo modelo de visitação nos lugares em que é realizada. Legitimada como uma face de arte brasileira, a Arte do Inconsciente entra em um círculo virtuoso.

ATUALIDADE

(1) O Ministério da Saúde inicia ações de cooperação, visando a preservação e divulgação do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente.
(2) Estabelecido acordo importante para expansão da área do Museu, para beneficiar Hospital de Saúde, e ser executado com recursos da União Federal.

2001 (1) O Museu celebra o seu centésimo aniversário para expansão da área do Museu, para beneficiar Hospital de Saúde, e ser executado com recursos da União Federal.

2002 (1) O Museu celebra o seu centésimo aniversário para expansão da área do Museu, para beneficiar Hospital de Saúde, e ser executado com recursos da União Federal.

DATAS, FATOS E FOTOS DE 1977 A 2002

A Criação dos Ateliês

1946 Nise da Silveira funda a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) no Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro, hoje Instituto Municipal Nise da Silveira.

1946 Primeira exposição de trabalhos no Centro Psiquiátrico Nacional.

1947 Primeira exposição externa, apresentando 245 pinturas no prédio do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro.

1947 Exposição “9 Artistas de Engenho de Dentro”, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Curadoria de Mário Pedrosa e Leon Degand.

A Fundação do Museu

1950 A exposição “9 Artistas de Engenho de Dentro” é apresentada no Salão Nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Essa mostra foi marcada pelo debate entre os críticos de arte Mário Pedrosa e Quirino Campofiorito sobre o valor artístico das obras.

1950 Primeira exposição internacional, no I Congresso Internacional de Psiquiatria em Paris. A mostra foi publicada posteriormente no livro *L'Art Pscopathologique*, de Robert Volmat.

1952 O Museu de Imagens do Inconsciente é inaugurado em 20 de maio.

1954 Nise da Silveira escreve carta a Carl Gustav Jung, indagando sobre questões referentes ao simbolismo da mandala. Esse fato marcou a introdução da psicologia junguiana na América Latina.

1955 O Museu participa da exposição “Artes Primitivas e Modernas Brasileiras”, no Museu de Etnografia de Neuchatel, Suíça.

1956 Inauguração das novas instalações do Museu, com a visita dos professores Henry Ey (Paris), López Ibor (Madrid) e Ramon Sarró (Barcelona).

1956 Fundação da Casa das Palmeiras, clínica pioneira em regime de externato hoje localizada no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

1956 O Encontro com Jung. O Museu apresenta a exposição “A Esquizofrenia em Imagens”, por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria reunido em Zurique, Suíça.

1956 Fernando Diniz recebe o prêmio *hors concurs* na exposição do Hôtel de Ville, Paris, promovida pela Fédération des Sociétés de Croix Marine.





1956 Fundação do Grupo de Estudos C. G. Jung. Ao longo de sua existência publicou seis volumes da revista Quaternio.

1958 O Museu passa a organizar pelo menos uma exposição anual em sua sede.

Estudos e Pesquisas

Anos 60 Primeira representação no Brasil de “As Bacantes”, de Eurípedes, reunindo artistas, funcionários e clientes. Nessa época reuniu-se em torno de Nise um grupo de jovens artistas, intelectuais, jornalistas: Rubens Correa, Leon Hirszman, Martha Pires, dentre muitos. Uma verdadeira efervescência cultural.

1961 O Presidente da República Jânio Quadros após convocar Nise da Silveira para apresentar um plano de trabalho, sanciona o Decreto 51.169, que dentre outras providências, institui “um Museu de obras plásticas, que será um centro de estudo e pesquisa”.

1968 Nise funda o Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente.

A Resistência

Anos 70 O recrudescimento da ditadura militar reflete-se na direção geral do Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII). Ocorre o esvaziamento da Seção de Terapêutica Ocupacional e o Museu passou a abrigar as atividades remanescentes. Descaso pelas pesquisas de Nise da Silveira. O uso indiscriminado dos medicamentos constitui-se numa camisa-de-força química, impossibilitando a prática de atividades expressivas. O confinamento atinge o auge, lotando os pavilhões de “crônicos”.

1973 O Ministro da Saúde Machado de Lemos, impressionado com uma visita feita ao Museu, baixou a Portaria 319/BSB com a mesma finalidade do Decreto Presidencial nº 51.169. Esta portaria, assim como o decreto, nunca foi cumprido.

1974 Fundação da Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, articulada pela educadora Zoé Noronha Freitas. A participação de pessoas altamente qualificadas, com grande interesse pelas atividades do Museu, foi determinante para sua sobrevivência.

1975 Nise da Silveira é aposentada compulsoriamente. No dia seguinte apresenta-se ao CPPII como a mais nova estagiária.

1975 Exposição “Imagens do Inconsciente”, em comemoração ao centenário de nascimento de Jung, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e em outras capitais brasileiras.

1975 Um grupo de jovens estudantes, liderados por Nise, apaixonados pelo trabalho, dão continuidade aos estudos e pesquisas iniciando a formação da futura equipe.

1977 Exposição “Trinta Anos de Pintura”, de Carlos Pertuis.

1977 Fernando Diniz é transferido arbitrariamente para a Colônia Juliano Moreira.

1978 Lançamento do livro “Os Cavalos” de Octávio Ignácio, pela Funarte.

1979 Projeto Treinamento Terapêutico e Manutenção do Museu, realizado pela Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, com recursos da FINEP, coordenação de Gladys Schincariol. Esse projeto possibilitou estruturar o Museu, com a restauração e acondicionamento de parte significativa do acervo e treinamento e contratação de pessoal.

1979 Exposição “Desenhos e Pinturas de Fernando Diniz”, na Galeria Sérgio Milliet. Curadoria de Mário Pedrosa.

A Expansão

1980 Realização de 15 documentários científicos formando o curso “O Mundo das Imagens”. Com textos de Nise da Silveira, direção de Luiz Carlos Mello e montagem de Eurípedes Júnior.

1980 Exposição “Raphael: Desenhos”, no MAM, Rio de Janeiro. Curadoria de Mário Pedrosa.

1980 Publicação do volume II da coleção Museus Brasileiros, pela Funarte.

1981 Mudança do Museu para a sede onde se encontra atualmente.

1981 Lançamento do livro “Imagens do Inconsciente”, de Nise da Silveira.

1981 O Museu participa da XVI Bienal de São Paulo, no módulo Arte Incomum.

1983 Leon Hirszman realiza a trilogia “Imagens do Inconsciente”, documentário em 16 mm.

1987 A exposição “Os Inumeráveis Estados do Ser”, síntese das principais pesquisas desenvolvidas no Museu, bate recordes de público no Rio e posteriormente em Porto Alegre e Belo Horizonte.

1988 Exposição “Os Cavalos” de Octávio Ignácio. XII Congresso Internacional de Psicopatologia da Expressão, no Copacabana Palace, Rio de Janeiro.



O Museu no Exterior. O Mundo das Imagens

- 1991 Exposição “O universo de Fernando Diniz”, Paço Imperial, RJ.
- 1992 Publicação do livro “O Mundo das Imagens”, de Nise da Silveira.
- 1993 Exposições “Arqueologia da Psique e L’Art Brut”, Casa França Brasil (RJ), São Paulo, Brasília e Curitiba.
- 1994 Exposição “Images of the Inconscious from Brazil”, Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha.
- 1994 Exposição “Os Inumeráveis Estados do Ser”. Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal.
- 1995 Exposição “Os Inumeráveis Estados do Ser”, no Instituto Ítalo Latino-americano de Roma, como representante da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, por ocasião das comemorações do cinquentenário da Organização das Nações Unidas.
- 1996 Filme “Estrela de Oito Pontas”, com animação de Fernando Diniz e Marcos Magalhães, premiado em diversos países.
- 2000 O Centro Psiquiátrico Pedro II é municipalizado, passando a integrar a Secretaria Municipal de Saúde. Em homenagem à fundadora do Museu, passa a se chamar Instituto Municipal Nise da Silveira.
- 2000 O módulo “Imagens do Inconsciente”, da “Mostra do Redescobrimento, Brasil 500 Anos”, é eleito pelo público e crítica como um dos destaques. A exibição é vista por mais de 2 milhões de pessoas em São Paulo, batendo recorde de visitação nos lugares em que é realizada. Legitimada como uma face da arte brasileira, a Arte do Inconsciente entra em circuito internacional.

Atualidade

- 2000 O Ministério da Saúde, por meio do Centro Cultural da Saúde, inicia ações de cooperação, visando a preservação e divulgação dos acervos do Museu de Imagens do Inconsciente.
- 2001 O Museu entra na internet: www.museuimagensdoinconsciente.org.br
- 2002 Elaborado projeto arquitetônico para expansão do Museu, pela Secretaria Municipal de Saúde, a ser executado com recursos da esfera federal.
- 2002 O Museu celebra o seu cinquentenário, em parceria com o Centro Cultural da Saúde (RJ), do Ministério da Saúde.



Módulo 2

Nise da Silveira: Uma mulher à frente de seu tempo

Módulo que contextualiza a trajetória intelectual, política e pessoal de Nise da Silveira, composto de fotos e citações.



Painéis

*A palavra que mais gosto é liberdade.
Gosto do som desta palavra.*

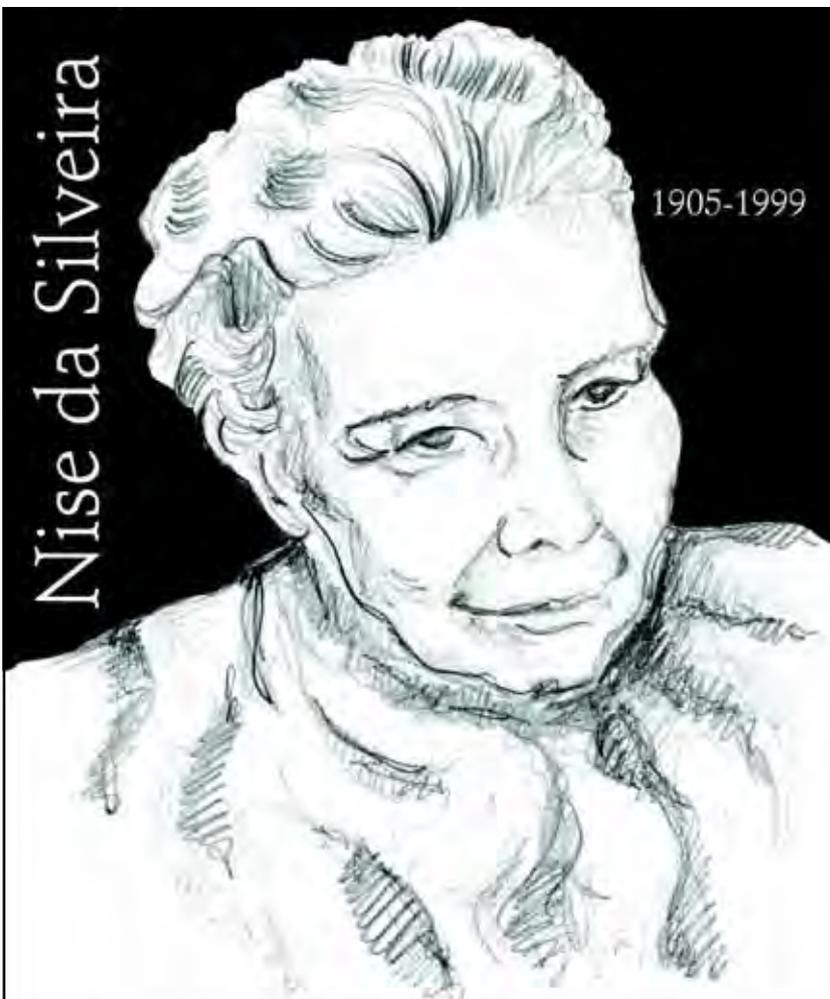


Carl Jung com a Dra Nise no 2º Congresso Internacional de Psiquiatria - Zurique - 1957

*Não sou muito do passado,
sou do futuro. Quem olha
demais para trás, fica.*

Nise da Silveira

1905-1999



Entre os anos de 1946 e 1974, a psiquiatra alagoana dedica-se ao Centro Psiquiátrico Nacional, posteriormente denominado Centro Psiquiátrico Pedro II, onde funda e dirige a Seção de Terapêutica Ocupacional.

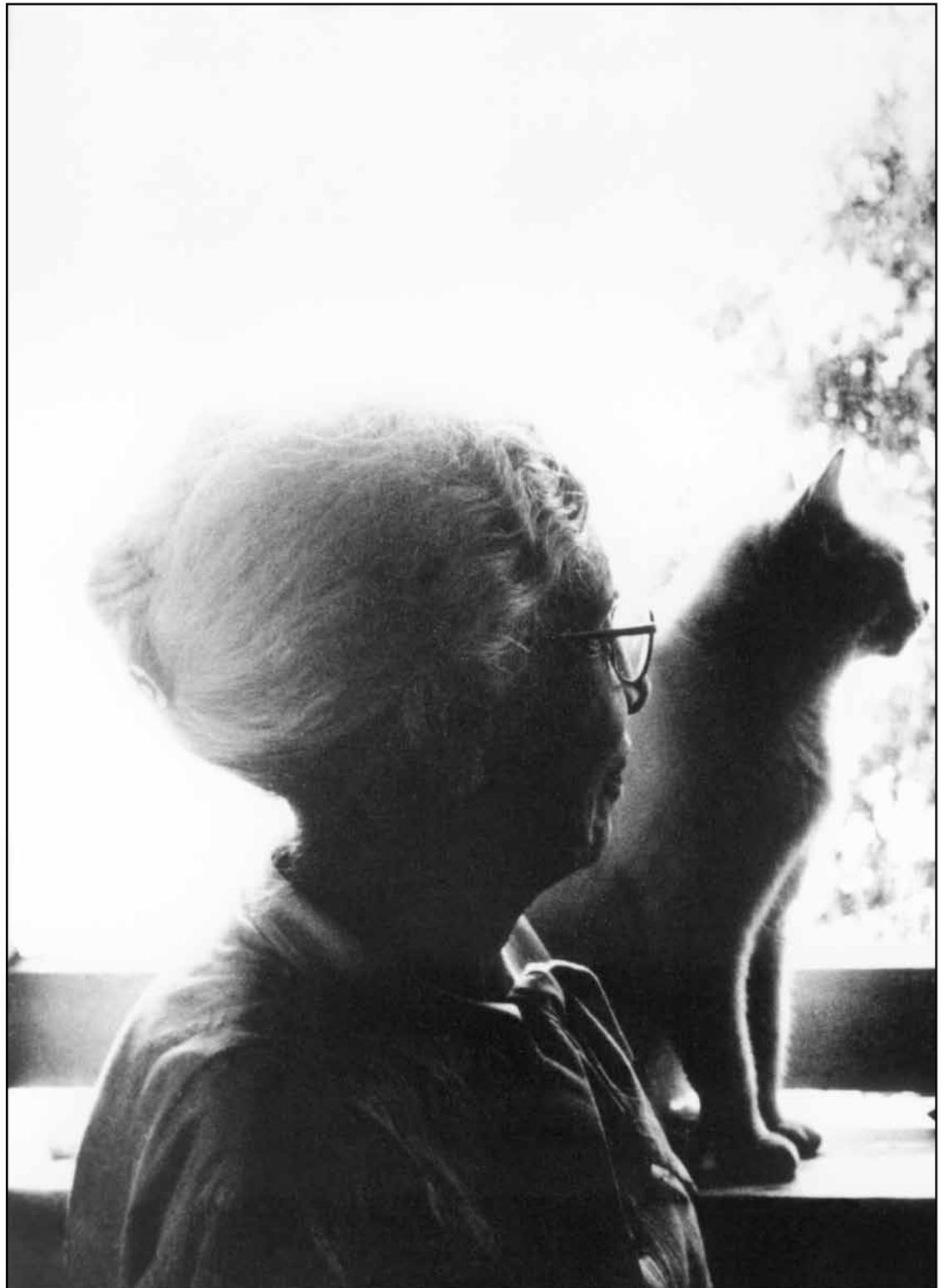
Revolucionária para a época e inconformada com os tratamentos, que considera desumanos e agressivos, encontra nas atividades artísticas e expressivas o seu principal método terapêutico.

Desenvolvendo programas de estudos no Institute C.G. Jung de Zurique, torna-se adepta das idéias do mestre suíço no aprofundamento dos processos que se desdobram no interior dos indivíduos, revelados através das imagens e dos símbolos.

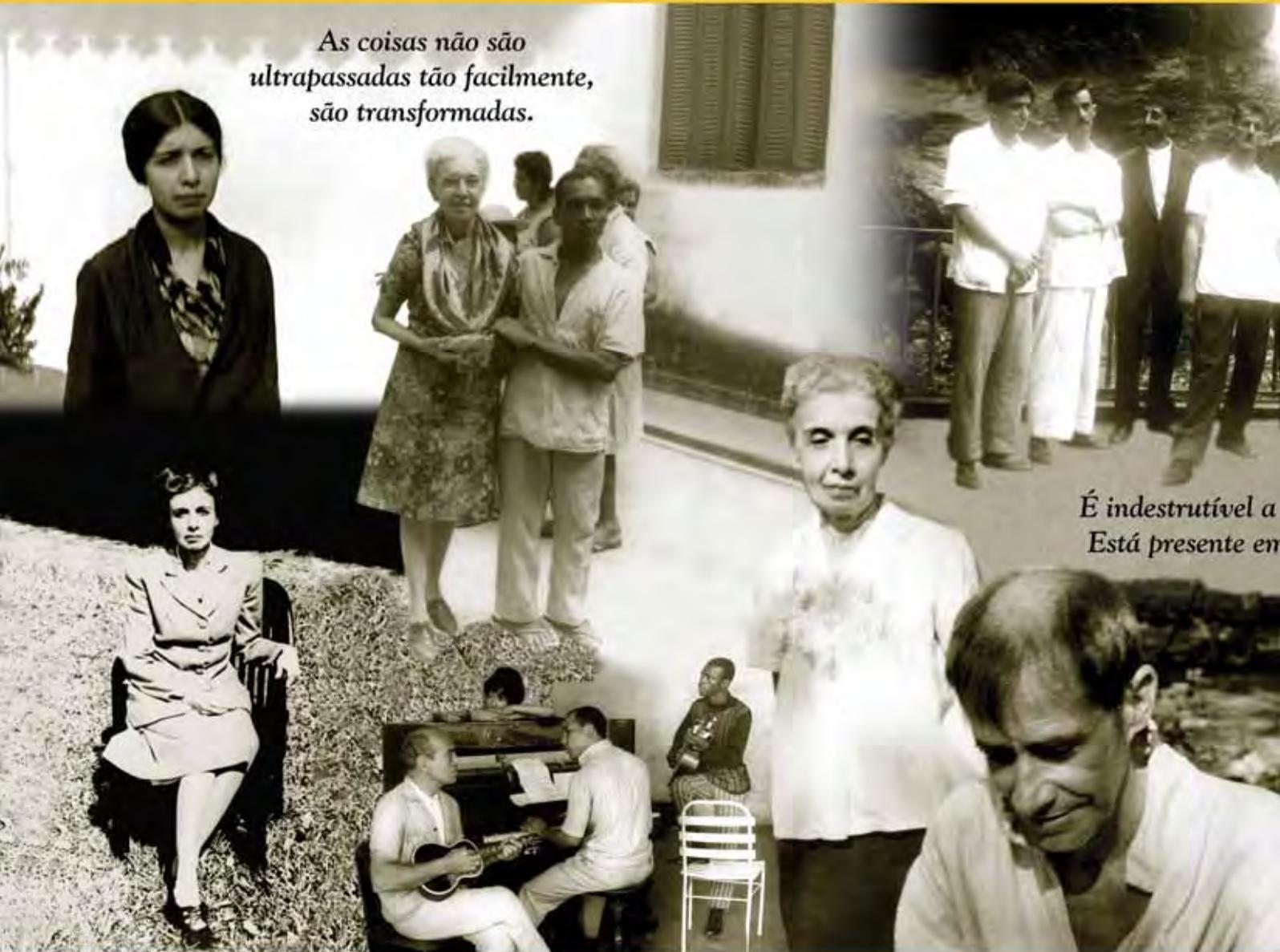
Em 14 de julho de 1975, aos 69 anos, é aposentada compulsoriamente. No dia seguinte, reapresenta-se ao Centro Psiquiátrico dizendo: "sou a nova estagiária".

Os produtos expressivos de seus pacientes, recolhidos durante anos, integram, a partir de 1952, o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente, que, segundo Ronald Laing (1976), "representa uma contribuição de grande importância para o estudo do processo psicótico".

*Os gatos são excelentes
companheiros de estudos,
amam o silêncio e
cultivam a concentração.*



Dra. Nise e Branca de Lua



*As coisas não são
ultrapassadas tão facilmente,
são transformadas.*

*É indestrutível a
Está presente em*



*Um diálogo é estimulante.
A solidão também.*

*criatividade.
em toda parte.*





Estou cada vez menos dor



A photograph of an elderly woman with short, light-colored hair and glasses. She is wearing a black and white patterned blouse with a white lace collar. Her right arm is raised, with her fist clenched. The background is a vibrant, abstract painting with thick, expressive brushstrokes in shades of yellow, orange, red, and black. The text "atora, cada vez mais Nise." is overlaid in a dark blue, serif font at the top left of the image.

atora, cada vez mais Nise.



O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.



Não me atrevo a definir a loucura.



Vitrines

Lista dos documentos e peças expostos:

Publicações:

Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil
Nise da Silveira - UFBA, Salvador - 1926(These Inaugural)

Museus de Arte - Brasil
I. Título - *Fundação Nacional de Arte. Instituto Nacional de Artes Plásticas. Museu de Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro, 1980*

Imagens de I´inconscient
Nise da Silveira - Paris - 2005

Imagens do Inconsciente
Nise da Silveira - Brasília: Alhambra - 1981

Arqueologia da Psique - Catálogo da Exposição
Museu de Imagens do Inconsciente

Cartas a Spinoza
Nise da Silveira - Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995

Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde
Ferreira Gullar - Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Rio Arte, 1996 (Perfis do Rio)

Quaternio - dedicado a C. G. Jung
Revista do Grupo de Estudo C. G. Jung - 1975

Quaternio - Homenagem Nise da Silveira
Revista do Grupo de Estudo C. G. Jung - Nº 8 - 2001

Imagens do Inconsciente
Catálogo da exposição no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, PR

Correspondências e manuscritos:

Caderno de observações da Dra. Nise da Silveira - 1959 a 1963

Manuscrito do texto científico da história de Adelina Gomes

Manuscrito do texto para o filme de León Hirzman “Imagens do Inconsciente”, sobre Fernando Diniz



Manuscrito do texto científico da história de Adelina Gomes
Correspondência entre C.G. Jung e Nise da Silveira

Diplomas:

Título de Personalidade do Ano - Amiga dos Gatos concedido pela Tropicats
- Federação Felina Sul Americana

Diploma do Mérito da Cultura concedido pelo Excelentíssimo Presidente da
República Fernando Henrique Cardoso

Diploma concedendo a Medalha do Mérito da Fundação Joaquim Nabuco à
Dra. Nise da Silveira

Diploma de Grau de Oficial da Ordem de Rio Branco

Diploma de Comendador da Ordem do Mérito dos Palmares

Peças:

Óculos

Abridor de Cartas

Lupa

Deusa Egípcia Bastet



Módulo 3

Módulo do Inconsciente

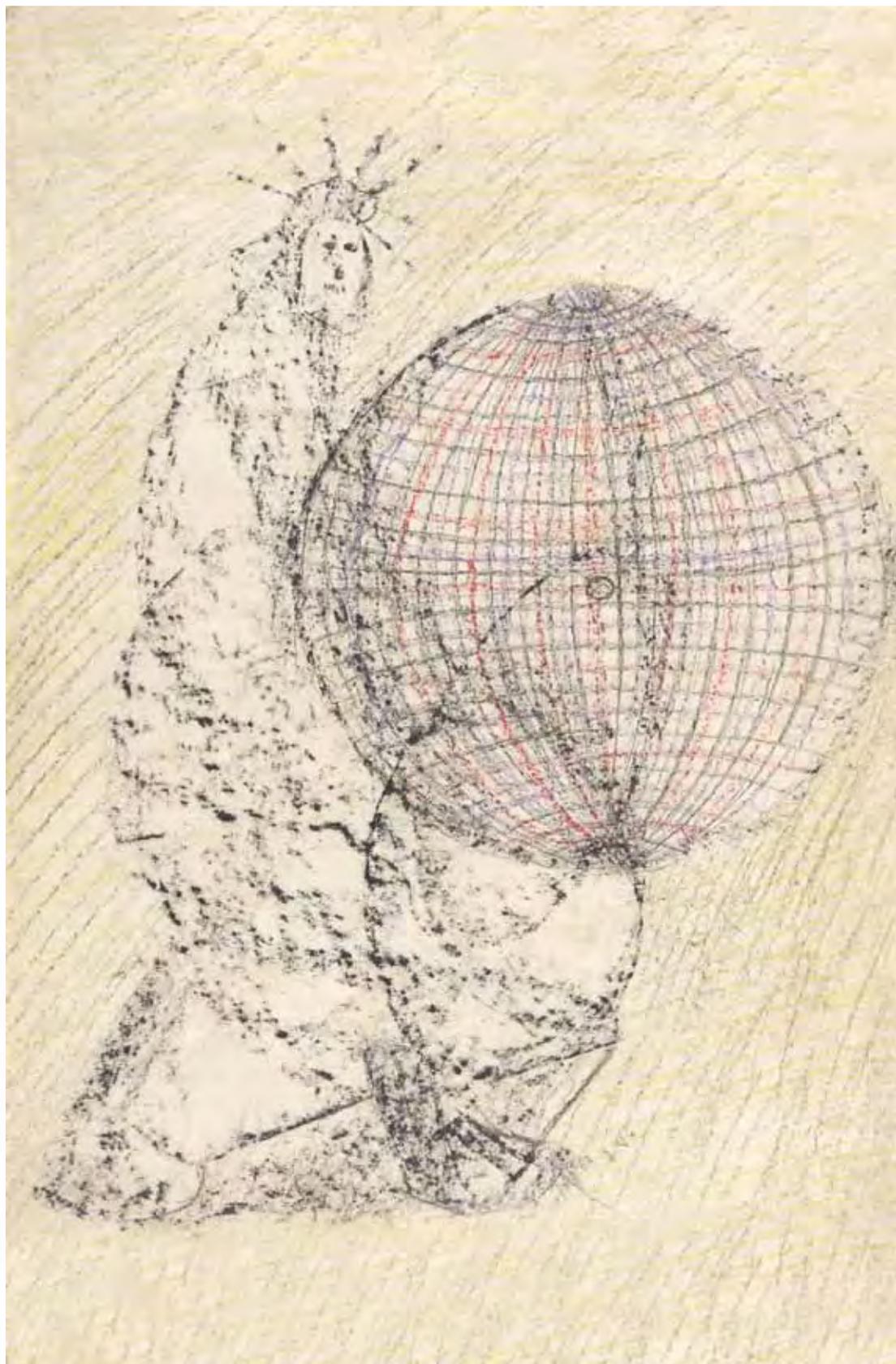
Arqueologia da Psique *O tema mítico de Mithra*

No último período da vida de Carlos Pertuis, suas pinturas giraram cada vez mais em torno do tema mítico do Sol.

Ressaltam, entre essas imagens, figuras masculinas de grandes proporções providas de coroas e outros atributos divinos bastante próximos de descrições de Mithra, deus indo-persa, dadas por seus adeptos. Segundo narra o mito, foi Mithra quem instituiu o Sol governador do mundo, entregando-lhe o globo, símbolo de poder que ele próprio trazia na mão direita desde o instante de seu nascimento.

Mithra é um deus solar e herói, cujo mito narra a dolorosa procura da consciência que o homem de todos os tempos vem representando sob mil faces.





Carlos Pertuis
Lápis de cor sobre papel



Olívio Fidélis
Óleo sobre papel



Arqueologia da Psique

O tema mítico do Dragão-Baleia

Quando, sob o impacto de afetos intensos, o inconsciente se reativa em proporções extraordinárias, ameaçando submergir o ego consciente, não é raro que se configurem monstros nas matizes arquetípicas de onde têm emergido figuras semelhantes no curso de milênios.

O tema do dragão-baleia é uma das mais antigas e universais variações do mito do herói. Em vez de percorrer longas extensões da terra em busca de aventuras, aqui o herói é devorado pelo monstro.

O drama do encontro com o monstro exprime a situação perigosa para o indivíduo de ser tragado pelo inconsciente.

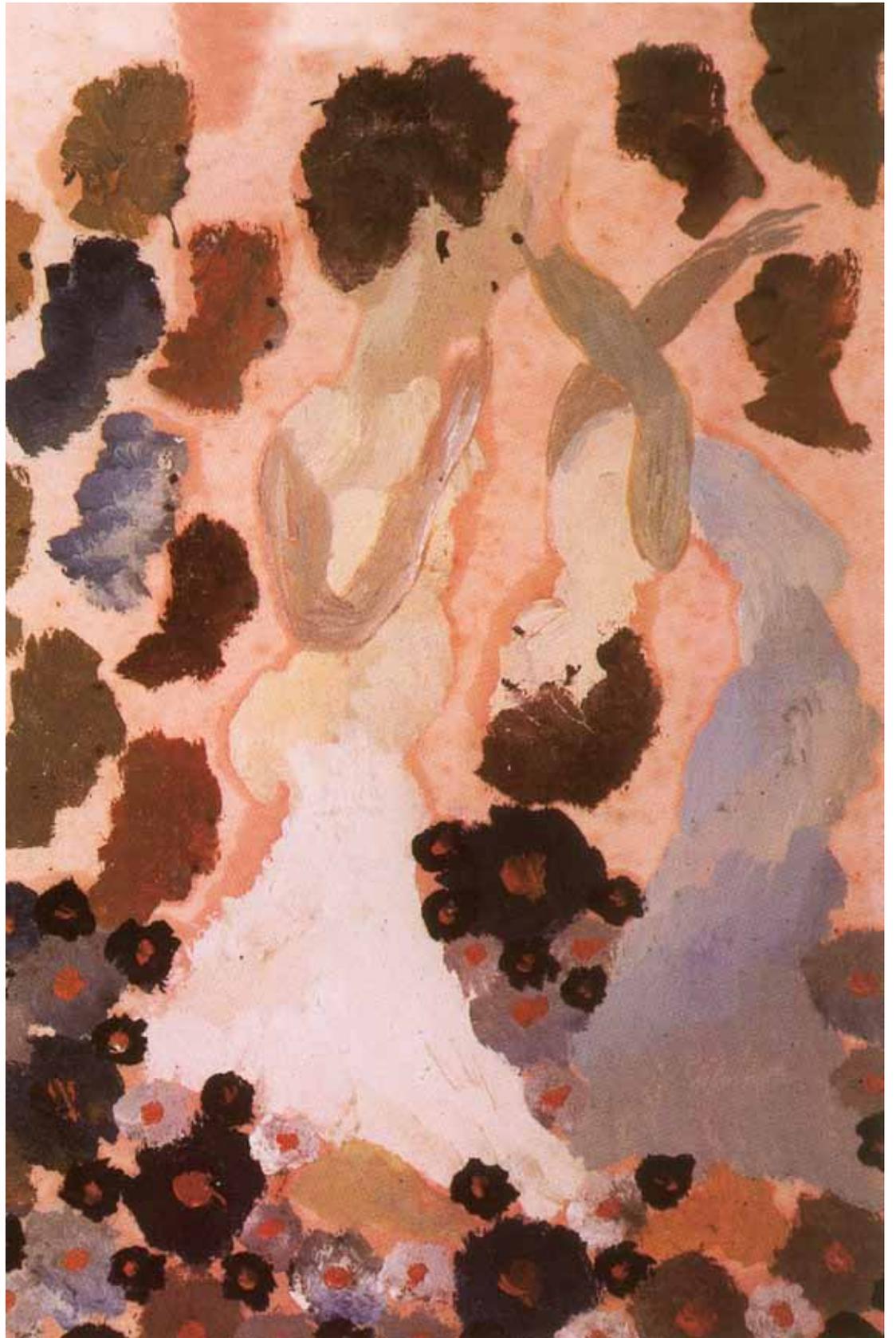




Arqueologia da Psique *O tema mítico de Dionisos*

Nos profundos e intrincados labirintos da psique vivem ainda os deuses pagãos. Dois mil anos de cristianismo representam apenas a superfície. Pesquisas arqueológicas e pesquisas psicológicas são trabalhos paralelos feitos em áreas diferentes. Dionisos manifesta-se em nítidas imagens sob múltiplos aspectos de sua natureza dual, jovem e velho, bissexuado, animalesco, orgiástico, frenético, o inventor do vinho, dom deste deus aos homens para ajudá-los a provar, embora fugazmente, a euforia da embriaguez e até mesmo o êxtase religioso.





Carlos Pertuis
Óleo sobre papel

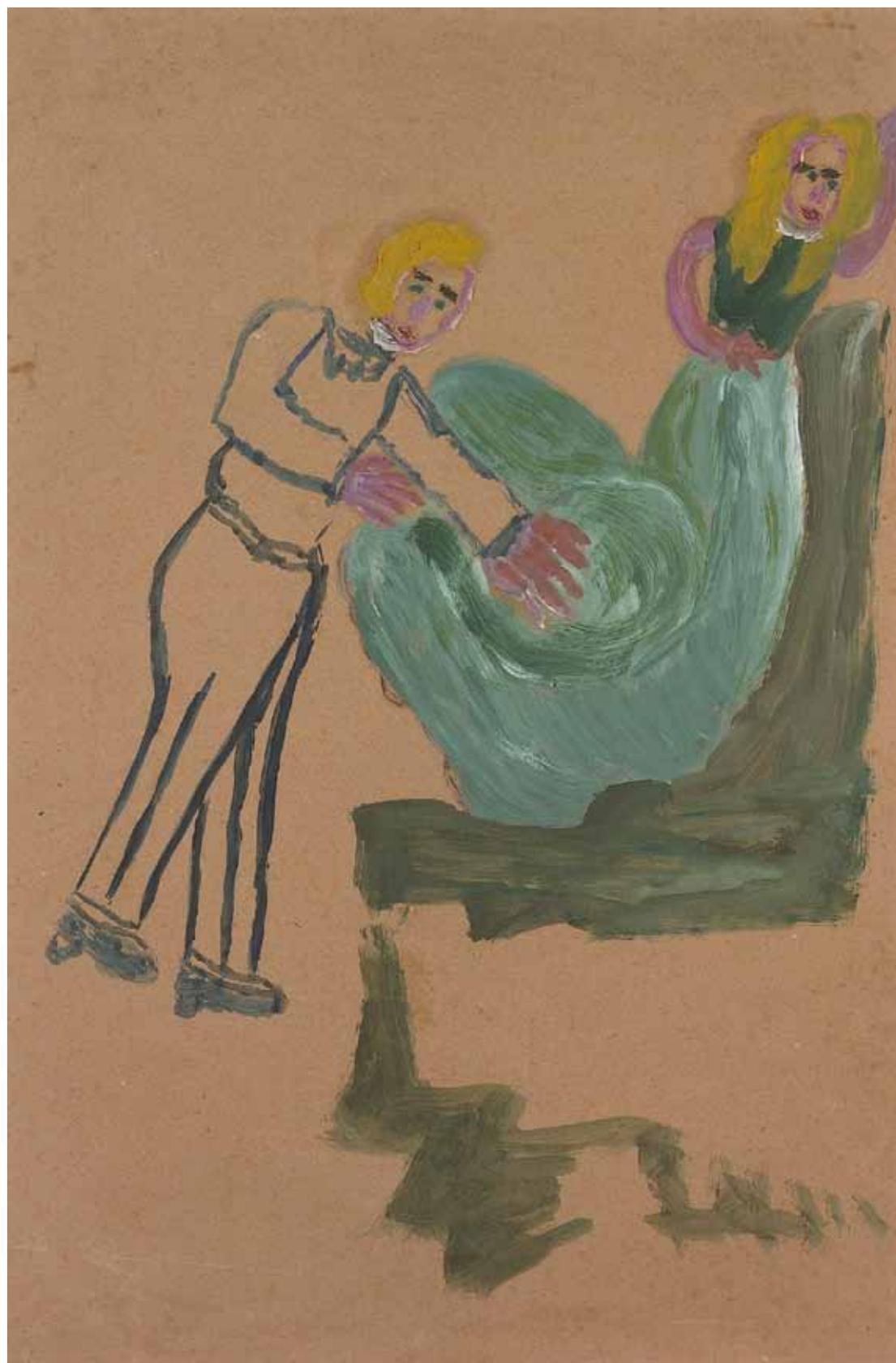
Arqueologia da Psique O tema mítico de Dafne

Apolo apaixonou-se pela ninfa Dafne, filha do Rio Ladão e da Mãe Terra. Ela se esquivou, mas o deus não aceita ser recusado. Apolo persegue Dafne. Fugindo sempre, a ninfa busca refúgio junto de sua mãe, a terra, que a acolhe e a metamorfoseia em vegetal.

O mito de Dafne exemplifica a condição da filha que se identifica tão estreitamente com a mãe, a ponto dos próprios instintos não lograrem desenvolver-se.

Por estranho que pareça, Adelina Gomes, modesta mestiça do interior do Estado do Rio, reviveu o mito da ninfa grega Dafne. Numa situação conflitiva, ela se rendeu e disse: “Eu queria ser flor.”





Adelina Gomes
Óleo sobre papel

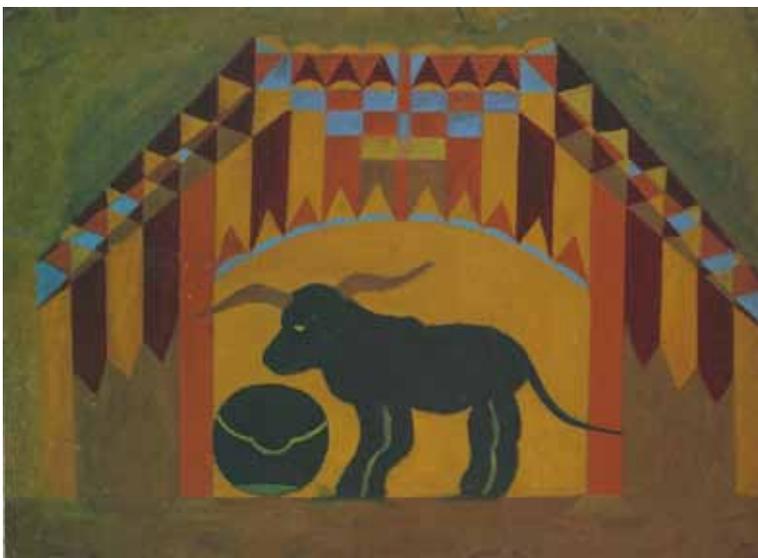
Módulo do Inconsciente Obras



Carlos Pertuis
Óleo sobre papel



Adelina Gomes
Óleo sobre tela



Carlos Pertuis
Óleo sobre papel

Mandalas

“Jung estudou durante muitos anos essas imagens que surgiam espontaneamente em sonhos, situações conflituosas, estados neuróticos, esquizofrenia, e chegou à conclusão de que funcionavam como “círculos mágicos” (mandalas), defesas visando impedir a invasão de conteúdos do inconsciente demasiado perturbadores.”

Nise da Silveira



*Mandalas de Fernando Diniz, Carlos Pertuis, Adelina Gomes, Arthur Amora, Elizabeth Velasco, Emygdio de Barros e Godin.
Nas próximas páginas, trabalho de Fernando Diniz.*

“Vê-se facilmente como o padrão rigoroso imposto pela imagem circular compensa a desordem e confusão da situação psíquica, através da construção de um ponto central com o qual tudo vem se relacionar ou pelo arranjo concêntrico da desordenada multiplicidade de elementos contraditórios e irreconciliáveis. Isso é, evidentemente, uma tentativa de autocura por parte da natureza, que não surge da reflexão consciente, mas de um impulso instintivo.”

Carl Jung





Módulo 4

Oficina de pintura

O quarto módulo da exposição é uma oficina de pintura, onde podem ser desenvolvidas atividades com visitantes e grupos convidados.

Ateliês Terapêuticos

Os ateliês do Museu de Imagens do Inconsciente estão abertos a clientes internos e externos e oferecem atividades expressivas e criativas como forma de tratamento.





Emygdio de Barros pintando no ateliê do Museu de Imagens do Inconsciente. Ao fundo, Adelina Gomes.

Ateliê de Pintura

O manejo de lápis, tintas e pincéis num ambiente livre e acolhedor, resulta todos os dias em novos documentos plásticos que são incorporados ao acervo do Museu.

“O ateliê Fernando Diniz funciona num ambiente acolhedor e estável, numa casa que dá para ver os jardins através das janelas. Há também uma varanda aconchegante para um momento de solidão ou um bate papo.

As oficinas Grupo Literário e Modelagem atuam de forma integrada e harmoniosa. Os freqüentadores têm liberdade de escolher onde querem ficar, se modelando barro ou escrevendo, desenhando, colando em grupo. Há também o horário do Tai Chi Chuan, da oficina de jardins, dos aniversariantes do mês, num clima bem afetuosos de resgate daquelas emoções esquecidas pelo tempo, além do Jornal “O Universo”.

Nas diversas atividades o monitor procura estar presente sem interferir no desempenho dos clientes. Procura ser um suporte afetivamente espontâneo e constante num ambiente tranqüilo e sereno. Assim a imagem ganha forma e estilo próprios que são respeitados. O mais importante é o estado emocional. Se a atividade proporcionar despotencialização das emoções contidas a terapia estará se realizando.”

Célia Vital - monitora do Museu de Imagens do Inconsciente

Ateliês Terapêuticos

Os ateliês estão abertos a clientes internos e externos e oferecem atividades expressivas e criativas como forma de tratamento.



Ateliê de Pintura

O manejo de lápis, tintas e pincéis num ambiente livre e acolhedor, resulta todos os dias em novos documentos plásticos que são incorporados ao acervo do Museu.

"O ateliê Fernando Diniz funciona num ambiente acolhedor e estável, num espaço que dá para ver os jardins através das janelas. Há também uma varanda apertada para um momento de solidão ou um lanche rápido. As oficinas Grupo Literário e Modelagem atuam de forma integrada e harmoniosa. Os frequentadores têm liberdade de escolher onde querem ficar, se modelaram barro ou escreveram, desenhando, isolando em grupo. Há também a oficina de Tai Chi Chuan, de oficina de jardins, dos universitários do mês, num clima bem afetivo de resgate daquelas emoções esquecidas pelo tempo, além do jornal "O Universo". Nas diversas atividades é preciso estar presente sem aderir ao desconhecimento dos clientes. Procura-se um espaço afetivamente espontâneo e coerente num ambiente tranquilo e sereno. Aqui a imagem ganha forma e estilo próprios que são respeitados. O mais importante é o estado emocional. Se a atividade proporcionar despersonalização das emoções contidas a terapia estará se realizando."

Célia Vital
montana

Ateliê Fernando Diniz

Modelagem



Feito dos universitários do mês



Oficina de Jardins - Projeto Rio Horta



Grupo Literário - Jornal O Universo



Tai Chi Chuan



"Através da diversidade de cheiros na horta eu fui lembrando-me da minha infância no campo e reconstruindo essa memória. Ver crescer o que se plantou é muito bom, porque é um processo similar ao nosso crescimento. Plantar, colher e comer o que se plantou, resgata em nós uma relação com a natureza que se perdeu."

João Bosco

"Através da diversidade de cheiros na horta eu fui lembrando-me da minha infância no campo e reconstruindo essa memória. Ver crescer o que se plantou é muito bom, porque é um processo similar ao nosso crescimento. Plantar, colher e comer o que se plantou, resgata em nós uma relação com a natureza que se perdeu."

João Bosco - Cliente

Projeto de Cooperação Técnica

O Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 270, de 24 de outubro de 1997, criou um grupo de trabalho que iniciou as ações de cooperação com as unidades hospitalares psiquiátricas federais, favorecendo assim o intercâmbio dos projetos desenvolvidos e a integração de iniciativas anteriores em prol da memória da psiquiatria.

O projeto configurou um plano de trabalho das ações de cooperação técnica da Coordenação-Geral de Documentação e Informação (CGDI) do Ministério da Saúde (MS), por meio do Centro Cultural da Saúde (CCS) junto às instituições psiquiátricas federais da cidade do Rio de Janeiro municipalizadas a partir de 1999, quais sejam o Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII), a Colônia Juliano Moreira (CJM) e o Instituto Philippe Pinel (IPP).

Esse projeto objetiva a recuperação e a preservação das fontes de informações que ilustram a história da assistência da saúde mental no Brasil, integrando-as ao Sistema Nacional de Informações em Saúde. O CCS coordena essa linha de ação da área de Documentação e Informação do MS que atua no sentido de ampliar o acesso público à informação em saúde.

Projeto de Cooperação Técnica



O Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 270, de 24 de outubro de 1997, criou um grupo de trabalho que iniciou as ações de cooperação com as unidades hospitalares psiquiátricas federais, favorecendo assim o intercâmbio dos projetos desenvolvidos e a integração de iniciativas anteriores em prol da memória da psiquiatria.

O projeto configurou um plano de trabalho das ações de cooperação técnica da Coordenação-Geral de Documentação e Informação (CGDI) do Ministério da Saúde (MS), por meio do Centro Cultural da Saúde (CCS) junto às instituições psiquiátricas federais da cidade do Rio de Janeiro municipalizadas a partir de 1999, quais sejam o Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII), a Colônia Juliano Moreira (CJM) e o Instituto Philippe Pinel (IPP).

Esse projeto objetiva a recuperação e a preservação das fontes de informações que ilustram a história da assistência da saúde mental no Brasil, integrando-as ao Sistema Nacional de Informações em Saúde. O CCS coordena essa linha de ação da área de Documentação e Informação do MS que atua no sentido de ampliar o acesso público à informação em saúde.



Em 2000, as atividades de cooperação junto a essas unidades passaram a ocorrer de forma sistemática em decorrência da contratação de estagiários formados pelo MS, representado pelo Núcleo Estadual do Rio de Janeiro (NERJ) e o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Inicialmente, a equipe foi composta por 20 estagiários dos cursos de arquivologia, biblioteconomia, história e museologia alocados nas instituições parceiras. A partir de 2004, o foco dessas ações foram direcionadas para o Instituto Municipal Nise da Silveira, anteriormente denominado Centro Psiquiátrico Pedro II, pela relevância dos acervos sob sua guarda e do processo de inventariação.



Em 2000, as atividades de cooperação junto a essas unidades passam a ocorrer de forma sistemática em decorrência da contratação de estágios firmados pelo MS, representado pelo Núcleo Estadual do Rio de Janeiro (NERJ) e o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Inicialmente, a equipe foi composta por 20 estagiários dos cursos de arquivologia, biblioteconomia, história e museologia alocados nas instituições parceiras. A partir de 2004, o foco dessas ações foram direcionadas para o Instituto Municipal Nise da Silveira, anteriormente denominado Centro Psiquiátrico Pedro II, pela relevância dos acervos sob sua guarda e do processo de inventariança.

O Instituto Municipal Nise da Silveira e a busca da preservação da memória

A Colônia de Alienadas de Engenho de Dentro foi criada em 1911, para receber alienadas indigentes oriundas do Hospício de Pedro II. A história do hospício confunde-se com a história da psiquiatria no Brasil, e os documentos que foram produzidos a partir da sua inauguração traçam um panorama das condições de tratamento e da vida dos alienados no hospício. A partir da década de 30, após transferência do hospício para a antiga Colônia, nesse período

Instituto Municipal Nise da Silveira e a busca da preservação da memória



A Colônia de Alienadas de Engenho de Dentro foi criada em 1911, para receber alienadas indigentes oriundas do Hospício de Pedro II. A história do hospício confunde-se com a história da psiquiatria no Brasil, e os documentos que foram produzidos a partir da sua inauguração traçam um panorama das condições de tratamento e da vida dos alienados no hospício. A partir da década de 30, após transferência do hospício para a antiga Colônia, nesse período denominado Centro Psiquiátrico Nacional, essa documentação foi dispersa para diversas instituições, sendo que grande parcela ficou alocada em Engenho de Dentro.



Em 1999, com a municipalização passa a ser denominado Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, atual Instituto Municipal Nise da Silveira. O Instituto mantém a guarda dos acervos arquivísticos e bibliográficos originários do antigo Hospício de Pedro II.

O acervo arquivístico é composto por documentos manuscritos e cópias de grande valor histórico, datados a partir do século XIX, como livros de matrícula de escravos, documentos de embaixadas, atestados de sanidade mental e prontuários médicos. O acervo bibliográfico é constituído pelo acervo da antiga biblioteca de Dr. Juliano Moreira, no período de 1902 a 1930, e contém 23.000 obras, sendo considerado o acervo mais relevante da história da psiquiatria da América Latina. É composto por raridades, como originais de Charcot, Pinel, Morel, Esquirol, duas alienadas pelo Dr. Juliano Moreira e coleções completas de importantes periódicos nacionais e estrangeiros. O acervo museológico é o fruto do trabalho pioneiro da pesquisadora Nise da Silveira, atualmente com 350.000 obras, das quais 128.642 tombadas como Patrimônio Cultural da Humanidade pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Estes relevantes acervos ressaltam-se pela riqueza e pelo ineditismo, tais como fontes de informações e pesquisa para a história da psiquiatria no Brasil.



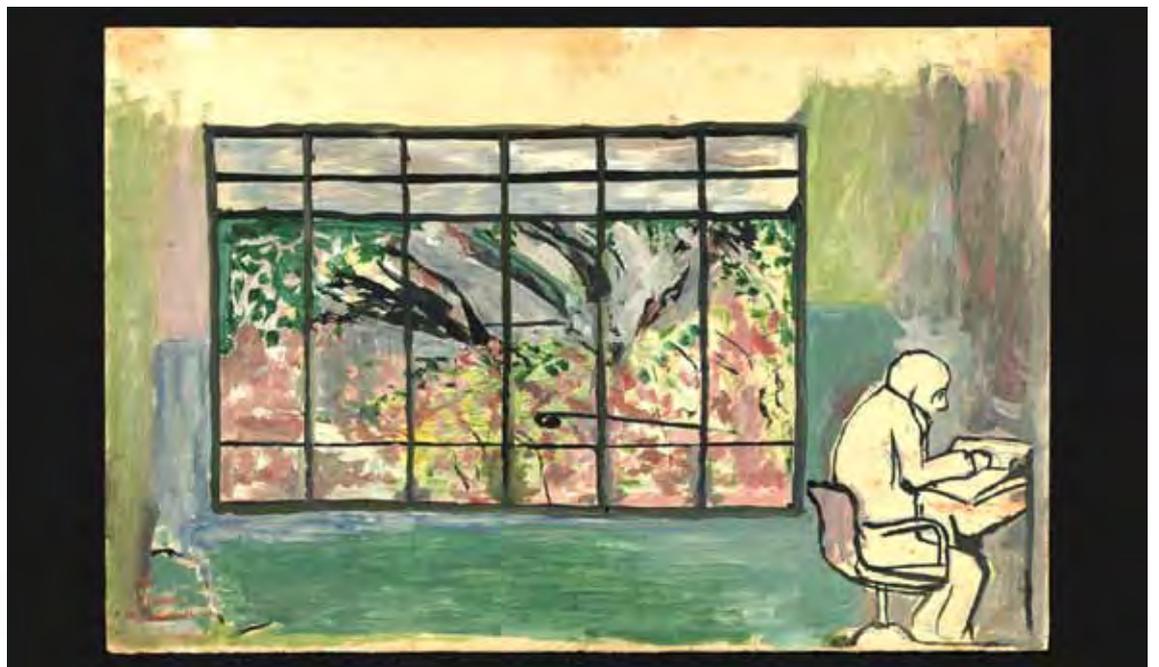
denominado Centro Psiquiátrico Nacional, essa documentação foi dispersa para diversas instituições, sendo que grande parcela ficou alocada em Engenho de Dentro.

Em 1999, com a municipalização, passa a ser denominado Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, atual Instituto Municipal Nise da Silveira. O Instituto detém a guarda dos acervos arquivístico e bibliográfico originários do antigo Hospício de Pedro II.

O acervo arquivístico é composto por documentos manuscritos e códices de grande valor histórico, datados a partir do século XIX, como: livro de matrícula de escravos, documentos de embaixadas, atestados de sanidade mental e prontuários médicos. O acervo bibliográfico é constituído pelo acervo da antiga biblioteca do Dr. Juliano Moreira, no período de 1902 a 1930, e contém 35.000 obras, sendo considerado o acervo mais relevante da história da psiquiatria da América Latina. É composto por raridades, como originais de Charcot, Pinel, Morel, Esquirol, teses assinadas pelo Dr. Juliano Moreira e coleções completas de importantes periódicos nacionais e estrangeiros. O acervo museológico é o fruto do trabalho pioneiro da psiquiatra Nise da Silveira, atualmente com 350.000 obras, das quais 128.642 tombadas como Patrimônio Cultural da Humanidade pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Esses relevantes acervos ressaltam-se pela riqueza e pelo ineditismo, tais como fontes de informações e pesquisa para a história da psiquiatria no Brasil.



O Ateliê de Pintura por Emygdio de Barros



Emygdio de Barros
Óleo sobre papel

Fotos de eventos e oficinas no CCS



Visitantes da mostra



Vídeo debate



Oficina de bijuteria



Oficina de pintura



Leituras Complementares

Textos extraídos do site www.museuimagensdoinconsciente.org.br

ARQUEOLOGIA DA PSIQUE

Aquele que estudar a psique em profundidade verificará, muitas vezes surpreendido, estreitas semelhanças entre conteúdos emergentes do inconsciente de indivíduos contemporâneos e achados da ciência arqueológica.

Ao longo de sua obra, Freud muitas vezes estabelece analogia entre a análise psíquica e o trabalho do arqueólogo. Já nos primórdios da psicanálise, em 1892, Freud compara seu método de investigação da etiologia da histeria às pesquisas arqueológicas. “Suponhamos que um explorador chega à região pouco conhecida, na qual despertam seu interesse ruínas constituídas de restos de paredes e fragmentos de colunas e lápides com inscrições quase apagadas e ilegíveis. Ele poderá contentar-se em examinar a parte visível, interrogar os habitantes das cercanias, talvez semi-selvagens, sobre as tradições referentes à história e à significação daquelas ruínas monumentais, tomar nota de suas respostas e prosseguir viagem. Mas também poderá fazer outra coisa: poderá ter trazido consigo instrumentos de trabalho, conseguir que os indígenas o auxiliem em seu labor de investigação e, com eles, atacar o campo das ruínas, praticar escavações e descobrir, a partir dos restos visíveis, a parte sepultada” (...).

Em 1922, em *A Psicanálise e a Teoria da Libido*, Freud escreve: “No curso de investigações sobre a forma de expressão criada pela elaboração dos sonhos, surgiu o surpreendente fato de que certos objetos, situações e relações são representados indiretamente por símbolos, usados pelo sonhador sem que este compreenda sua significação e para os quais, em regra, não oferece associações. Sua tradução terá que ser feita pelo analista, que somente descobrirá empiricamente, adaptando-a experimentalmente no contexto. Mais tarde verificou-se que usos lingüísticos, mitologia e folclore apresentavam as mais amplas analogias com os símbolos dos sonhos. Os símbolos levantam os problemas mais interessantes e até então não resolvidos. Parecem ser fragmentos de um equipamento mental herdado, extremamente antigo. O uso de um simbolismo comum estende-se muito para atrás do uso de uma linguagem comum”.

Noutro ensaio, *A Civilização e seus Desconfortos*, de 1930, retoma a mesma com-

paração. Imagina Roma vista num corte em profundidade, conservadas as suas diversas fases: a Roma quadrata, pequena colônia erguida sobre o monte Palatino; a Roma dos Septimontium, que reunia a população instalada sobre sete colinas; depois a área delimitada pela muralha de Sêrvio Túlio; a seguir, a cidade cercada pelas muralhas construídas pelo Imperador Aureliano e, posteriormente, cada fase de transformação da cidade eterna, tudo preservado, todas as fases conservadas intactas e não apenas ruínas esparsas, correspondentes a este ou àquele período.

Assim seria a vida psíquica do inconsciente. Seus conteúdos manter-se-iam permanentemente iguais, nada se apagaria nem se destruiria. No seu último livro, *Moisés e a Religião Monoteísta* (1938), Freud retoma e fortalece o tema da herança arcaica. “O comportamento de uma criança neurótica em relação a seus pais, no complexo de Édipo e no complexo de castração, apresenta-se injustificado em certos casos e só pode ser compreendido filogeneticamente em relação a fatos vividos por gerações anteriores. Valeria a pena reunir e publicar o material sobre o qual me baseio para emitir esta hipótese. Creio que sua força demonstrativa seria suficiente para justificar outras suposições e poder afirmar que a herança arcaica dos homens encerra não só predisposições, mas também traços de recordações vividas por nossos primeiros antepassados. Deste modo a extensão e a importância da herança arcaica aumentariam extraordinariamente”.

Portanto, permanecem gravadas sob as experiências do indivíduo as experiências ancestrais. Estudando as marcas persistentes dessas experiências, sem dúvida Freud trabalhou como um arqueólogo da psique. (...)

Jung praticou, na psique, investigações do tipo arqueológico em dimensões até então ainda não realizadas. Suas principais descobertas fizeram-se na área das camadas subjacentes ao inconsciente pessoal, nas profundas camadas psíquicas que constituem o lastro comum a todos os homens e onde nascem as raízes de todas as experiências internas fundamentais, das religiões, teorias científicas, concepções poéticas e filosóficas. (...)

Desde o início, ele via o inconsciente num constante trabalho de revolver conteúdos, de agrupá-los e de reagrupá-los. A imagem arquetípica representa não somente alguma coisa que existiu num passado distante, mas também alguma coisa que existe agora, isto é, o arquétipo não é exatamente um vestígio, mas um sistema vivo funcionando no presente.

Mais tarde, porém, através da experiência clínica, chegou à conclusão que algo ainda mais importante acontecia: os conteúdos do inconsciente não se mantinham necessariamente iguais para sempre. Eram susceptíveis de metamorfoses. O inconsciente sofre mudanças e produz mudanças, influencia o ego e poderá ser influenciado pelo ego.

Será possível acompanhar essas mudanças através dos sonhos, nos casos individuais





e nas imagens pintadas quando estudadas em séries, sobretudo nos psicóticos.

Característica comum a todas essas pinturas é a presença de um simbolismo primitivo. Frequentemente nelas se constata qualidades arcaicas inegáveis, que indicam a natureza das forças criativas que lhes estão subjacentes. “Trata-se de correntes de forças irracionais, produtoras de símbolos que fluem através de toda a história da humanidade, e são tão arcaicas que não é difícil encontrar para elas paralelos na arqueologia e na história comparada das religiões”. Podemos, portanto, admitir que essas imagens surgem das regiões da psique, que Jung denominou inconsciente coletivo. Sob essa denominação, ele entende um funcionamento psíquico inconsciente comum a todos os homens, fonte não só das pinturas simbólicas modernas, mas de toda a produção similar do passado. Essas imagens nascem de uma necessidade natural e vêm satisfazê-la. Tendo presentes esses dados, compreender-se-á por que a psicologia junguiana não se interessa unicamente em fazer achados arqueológicos nas produções inconscientes e em interpretá-los como sobrevivências de mundos mais antigos. Afigura-se a esta psicologia ainda mais importante descobrir, acompanhar, nessas produções, o contínuo processo de elaboração dos conteúdos da psique.

Nise da Silveira

(texto extraído do documentário Arqueologia da Psique)

O GATO COMO CO-TERAPEUTA

Os desenhos e pinturas aqui apresentados foram produzidos no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, por homens e mulheres ali internados com o rótulo de esquizofrênicos.

Quem quer que os olhasse veria apenas seu triste aspecto exterior e jamais suporia que possuísem riquezas internas surpreendentes. Pusemo-nos em busca dessas riquezas. Não nos movia o desejo de revelar artistas. Buscávamos descobrir que forma tomariam os conflitos e os intrincados e sofridos problemas que decerto se debatiam no mundo interior desses indivíduos incompreendidos, frágeis, que se fechavam temerosos diante de nós. Porém, ao nos aproximarmos deles cordialmente, nunca como se fossem meros “pacientes”, logo víamos se esboçar uma relação com possibilidades de crescimento, dependendo de nossa atitude.

Nosso modesto ateliê é caloroso, livre de intervenções opressoras. O material de trabalho é oferecido sem qualquer imposição de temas. Cada um dá forma àquilo que emerge de suas recordações, de seus conflitos e medos, sofrimentos intensos que por outros caminhos não conseguiriam quebrar as camadas mais superficiais da psique, onde se ordena a linguagem racional, expressa em palavras.

Seguimos o ensinamento de Carl Gustav Jung, procurando entender essas manifestações em sua linguagem própria, a linguagem mitológica, que é a linguagem do inconsciente, inconsciente que se apodera, todo-poderoso, do indivíduo, separando-o de nosso mundo. Se emergissem em belas formas, admirávamos, deslumbrados, as instintivas pulsões artísticas involuntárias, espantosamente preservadas. Se, ao contrário, surgissem sob formas menos belas ou até rudimentares, nem por isso deixávamos de procurar entendê-las em suas originárias e arcaicas configurações, reveladoras do processo psicótico.

Não poderíamos, no entanto, deixar de assinalar que, paralelamente ao uso recente de neurolépticos, tornou-se evidente uma queda na qualidade da expressão plástica dos esquizofrênicos, um amortecimento de suas possibilidades criadoras.

Outra característica de nosso trabalho, que desejamos acentuar pela sua singularidade, é a presença de animais sem coleira, que trazem calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. Em função dessa presença surgiram relacionamentos inesperados com esquizofrênicos. Os animais tornaram-se verdadeiros co-terapeutas, manifestando seu afeto para com aqueles seres solitários a quem poucos homens ou mulheres sequer dirigiam uma palavra ou um gesto amigável. O cão dá afeto incondicional, sem nada pedir em troca. Os gatos têm um modo de amar diferente. Discretos, esquivos, talvez sejam muito semelhantes aos esquizofrênicos em sua maneira peculiar de querer bem.

Nise da Silveira



APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO IMAGENS DO INCONSCIENTE

Quem estudar demoradamente séries de imagens pintadas por esquizofrênicos ficará convencido de que na produção plástica está o caminho menos difícil para acesso ao mundo interno desses seres tão herméticos.

Quando à imagem se conjuga a informação verbal tudo simplifica-se bastante. Uma pintura abstrata, com linhas quebradas justapostas cerradamente, foi traduzida pelo autor como representação da ambição. A mesma pessoa em pintura a que deu o nome de “Árvore das Emoções” revelou o código da significação das cores que poderá servir de guia no estudo de suas pinturas. Para ele, amarelo é glória; rosa, amor; branco, ânsia; marrom, paixão; azul profundo, ciúme. Sem a pintura seria pouco provável descobrir-se que no íntimo daquele homem de aspecto humilde e face à primeira vista impassível permanecessem guardadas secretas ambições nem que no seu mundo interno tivesse raízes uma árvore de intensas emoções.

A pintura revelará muito sobre a maneira como o indivíduo apreende as coisas, sobre sua visão do mundo. Esta visão depende, em princípio, de suas vivências do espaço. A semiologia psiquiátrica tradicional é muito pobre na investigação das perturbações das vivências do espaço; é necessário reconhecer no espaço dimensões subjetivas que o farão parecer claro ou escuro (E. Minkowski). No espaço claro (não se trata de luz física) há distância, há espaço vazio, livre entre objetos que se apresentam com suas delimitações nítidas. No espaço escuro, também não se trata da luz física, mas de uma sensação de envolvimento, do indivíduo sentir-se apertado, oprimido pela obscuridade. Os objetos de tanto estarem próximos imbricam-se, interpenetram-se, resultando daí uma visão caótica do mundo. O estudo atento do caos na pintura de esquizofrênicos levará o pesquisador a verificar que não está diante de rabiscos tumultuosos lançados a esmo que lhe permitam usar as etiquetas de “deterioração” ou de “demência”, mas de um caos em sentido bíblico, ou seja, da massa confusa de onde todas as coisas tiveram origem.

É comovedor acompanhar, através de centenas de pinturas, os esforços enormes que um homem faz para retirar os objetos do caos, pinçá-los por assim dizer, enquadrá-los para prendê-los, até conseguir dispô-los em arranjos bem próximos daqueles exigidos na faixa da realidade. É o que chamamos a busca do espaço cotidiano.

Até aí nos movemos em áreas bastante próximas do consciente. Mas não têm medida as profundidades da psique que a produção plástica livre dos esquizofrênicos nos poderá fazer vislumbrar.

Fragmentado o ego, desorganizadas as funções de orientação do consciente, caídos os diques que mantinham o inconsciente à distância, revela-se a psique subterrânea, dei-

xando descoberta sua estrutura básica e permitindo que se tornem perceptíveis seus processos arcaicos de funcionamento dos quais se originam os temas míticos (mitologemas).

Foi precisamente a experiência com esquizofrênicos que levou Jung para além das camadas superficiais do inconsciente, dos conteúdos reprimidos que constituem o principal material de trabalho na análise de neuróticos, conduzindo-o a regiões da psique ainda inexploradas.

Médico psiquiatra do Hospital de Burgholzli, Zurique, no ano de 1906, Jung observou o caso de um esquizofrênico paranóide: dizia o doente que, se movesse a cabeça de uma lado para o outro olhando o sol, o pênis do sol também se movia e esse movimento era a origem do vento. Mais tarde, Jung encontrou a descrição de visões de adeptos de Mitra, publicadas pela primeira vez em 1910, a mesma imagem, a mesma idéia. “E será visto o chamado tubo, origem do vento predominante. Ver-se-á no disco do sol algo parecido com um tubo, suspenso. E na direção das regiões do ocidente, é como se soprasse um vento de leste infinito. Mas se outro vento predominar das regiões do oriente, ver-se-á da mesma maneira o tubo voltar-se para aquela direção”. Num hospital psiquiátrico de Washington, um internado negro, inculto, contou a Jung um sonho no qual era submetido ao castigo de Ixião, personagem da mitologia grega, condenado por Zeus a girar eternamente amarrado a uma roda de fogo.

“Essas e outras experiências semelhantes foram suficientes para indicar-se a solução do problema: não se tratava de hereditariedade racial específica, mas de uma característica humana universal. Não se tratava tampouco de idéias herdadas, mas de uma disposição funcional para produzir representações semelhantes ou análogas. A esta disposição dei mais tarde a denominação de arquétipo” (CW 5, 102).

Pesquisas posteriores continuaram a trazer confirmação para as observações iniciais. Em estudo sobre a esquizofrenia, publicado em 1957, Jung escreve: “Os sintomas específicos da esquizofrenia, na aparência, são caóticos e sem sentido. Entretanto, examinados em profundidade, caracterizam-se, como certos sonhos, por associações primitivas ou arcaicas estreitamente afins com temas mitológicos” (CW 3, 261).

Foi, portanto, da experiência clínica que Jung deduziu os conceitos de inconsciente coletivo e de arquétipo, importantíssimos para a compreensão da própria natureza da psique.

Para espanto nosso, na produção plástica livre de esquizofrênicos que freqüentavam os ateliês de pintura e de modelagem da seção de terapêutica ocupacional, no Centro Psiquiátrico Pedro II, surgiam imagens que não se deixavam conectar diretamente com a problemática individual de seus autores, mas estranhamente transbordavam para temas mitológicos. Esses documentos pertencem ao Museu de Imagens do Inconsciente e alguns entre eles podem ser vistos na exposição ora apresentada.





Uma série de pinturas mostra a metamorfose de mulher em flor. É réplica do drama de Dafne, mítica exemplificação da condição da filha tão estreitamente fixada à mãe que seus próprios instintos não lograram desenvolver-se, permitindo-lhe ir ao encontro do homem. Ela recua, e a mãe dominadora transforma-a em flor. Outra série, pintada por sapateiro inculto, apresenta surpreendentes analogias com temas do mito de Dionisos. Os motivos são mulheres com cabeça de vaca ou dançando, o bode, o sátiro, uvas, velhos barbudos semelhantes às representações arcaicas daquele deus. Nos desenhos de outro autor aparecem também o bode, o sátiro, o cacho de uvas nas mãos de um jovem homem conforme é figurado o Dionisos menos antigo.

O mito universal do dragão-baleia está aqui representado por três autores. Encontro do navegante com o monstro marinho, fuga diante da baleia voraz, a vivência de ser engolido, de ser levado para o fundo das águas. Não ocorre volta à luz do sol segundo acontece ao herói do mito. O homem é lançado pela baleia num país encantado na profundidade do mar (esquizofrenia).

Povoam o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente os mais estranhos seres míticos e animais fabulosos, muitas vezes difíceis de correlacionar suas matrizes arquetípicas por se apresentarem em abundância tumultuosa, misturarem-se, condensarem-se entre si.

O inconsciente junguiano é ilimitado e indeterminado. Daí o aspecto cósmico das imagens arquetípicas assinalado por Jung, suas analogias solares, lunares, estelares, telúricas.

Nos delírios dos psicóticos e na sua produção plástica são muito comuns os temas de comunicação com os astros. Mergulhados na profundidade do inconsciente, acham-se mergulhados na totalidade universal, onde todas as coisas interligam-se sem descon-tinuidade. Um exemplo demonstrativo são três pinturas de Engenho de Dentro que representam o sol provido de um longo tubo. Ressalta a analogia dessas imagens com a alucinação do doente de Jung, referida acima, e com as visões dos adeptos de Mitra, nas quais os movimentos do tubo do sol são a origem do vento. Como único comentário a suas três pinturas, o autor disse: “O sopro de meu nariz muda qualquer circunstância”. Ele transpõe para nível cósmico sua problemática individual. Identifica-se ao sol e seu sopro é o próprio vento capaz de produzir poderosos efeitos.

O visitante que tiver disposições para maravilhar-se encontrará na série de pinturas cósmicas desta exposição ainda muitos outros motivos de perplexidade.

Investigando durante longos anos produtos da atividade inconsciente em sonhos, fantasias, delírios, Jung observou a recorrência constante de certas situações e de certas figuras. Apresentavam-se personificações de componentes psíquicos fundamentais tão

típicos de Jung lhes deu nomes: sombra, anima, animus, velho sábio, mãe primordial, jovem divina, herói, criança.

Nas coleções do Museu de Imagens do Inconsciente há numerosíssimos exemplos de tais personificações. E nesta exposição muitas delas encontram-se presentes, agrupadas segundo a terminologia junguiana.

No grupo das animas, impressionam as imagens com aspecto de seres élficos, representantes de um estágio ainda pouco diferenciado do princípio feminino. Jung diz que “a anima é o próprio arquétipo da vida” e que “o verde, cor da vida, lhe convém adequadamente”. Têm as faces verdes várias imagens da anima que se configuraram em Engenho de Dentro.

Dentre o numeroso grupo das deusas-mãe apenas faremos referência a uma delas. Vale a pena procurar vê-la. É mulher de estatura enorme, toda branca, repousando os pés sobre segmento do globo terrestre, talvez sobre o mar, e tocando com a cabeça segmento da lua. Sustenta nas mãos crescente lunar. O fundo da pintura é a cartolina cinzenta, não pintada, dando idéia de espaço infinito. Solta no espaço destaca-se uma mancha negra onde o autor escreveu: deus minha mãe. Esta imagem dá testemunho da historicidade da psique. Aí vemos erguer-se do fundo do tempo a grande deusa arcaica, deusa da terra e deusa do céu. A inscrição sobre a mancha negra não deixa lugar a dúvidas. Trata-se de divindade suprema, deus-mãe, conceito inteiramente estranho ao homem contemporâneo.

A pintura tornará visível a atividade obscura das forças instintivas que se opõem à desagregação psíquica.

Algumas vezes essa atividade exprime-se através da elaboração de verdadeiros rituais, na tentativa de erguer barreiras que detenham as irrupções do inconsciente. Rituais onde contracenam anima e grande mãe; rituais com serpentes, símbolos de perigosas pulsões; rituais de apaziguamento de divindades terríficas; rituais de sacrifício do animal, isto é, da natureza animal do homem; rituais de fogo e da morte. Observe-se na série dos rituais a predominância de símbolos pagãos. Quando aparecem símbolos cristãos acham-se sempre simultaneamente presentes representações de religiões antigas.

Outra maneira, muito mais freqüente, de se tornarem manifestas as defesas instintivas que se opõem à desordem da psique será por intermédio de imagens do círculo. Irregulares algumas, outras quase perfeitas, seja que constituam sozinhas o tema da pintura ou apareçam aqui e ali, ao lado de outros motivos, a constância de sua presença fere a atenção do mais desatento dos observadores.

Jung estudou durante muitos anos essas imagens que surgiam espontaneamente





em sonhos, situações conflitivas, estados neuróticos, esquizofrenia, e chegou à conclusão de que funcionavam como “círculos mágicos” (mandalas), defesas visando impedir a invasão de conteúdos do inconsciente demasiado perturbadores.

O acervo do Museu de Imagens do Inconsciente possui centenas de mandalas dos mais variados tipos. Muitas dentre elas podem ser apreciadas nesta exposição: sob as formas de estrela, semicírculos que se tocam pela convexidade em vez de se fecharem, cruz, espiral, labirinto, derivações do quatro e seus múltiplos, ou do três e do cinco. Visões de conjunto da situação psíquica do indivíduo. Visões do cosmos, tal a mandala “o planetário do deus”, na denominação de seu autor.

A construção espontânea dessas formas, por mais perturbadas que sejam, visa sempre ordenar elementos díspares ou opostos em torno de um centro, numa mobilização de forças instintivas que tendem a compensar estados de confusão e de dissociação.

Provavelmente perguntar-se-á agora: a objetivação de imagens do inconsciente, por meio da pintura, terá valor terapêutico?

Quando se trata de neuróticos ou de indivíduos normais em trabalho de análise, Jung insiste na importância de ser dada forma às imagens internas pela pintura. Essas imagens “produzem eficácia viva sobre o indivíduo”, além de facilitarem o indispensável confronto entre consciente e conteúdos inconscientes no curso do processo de individuação.

Entretanto, desde que o ego esteja gravemente atingido, segundo ocorre na esquizofrenia, a situação modifica-se. O campo do consciente é invadido por fatores impessoais carregados de dinamismo extraordinariamente fortes que arrebatam as fronteiras do ego e se apossam do indivíduo. Ele é possuído por esses fatores, vivencia-os, mas não os elabora. O caráter patológico, frisa Jung, não reside nos conteúdos emergentes da estrutura básica da psique (inconsciente coletivo). Estes conteúdos são sempre “material sadio” (CW 12, 33). Vamos encontrá-los em expressões da alma coletiva como os mitos, os contos de fada, os dogmas das religiões, e também em realizações individuais - obras de arte, concepções filosóficas, teorias científicas.

O que faz a doença é a dissociação do consciente que perde o controle sobre o inconsciente (CW 9, 39).

Apesar de reconhecer todas essas dificuldades, Jung admite que a pintura possa ter função terapêutica, mesmo na esquizofrenia. Em trabalho de 1957, lê-se: “O efeito deste método (pintura) é evidentemente devido ao fato de que a impressão caótica ou aterrorizante é substituída pela pintura que, por assim dizer, a recobre. O tremendum é exorcizado pelas imagens pintadas, torna-se inofensivo e familiar e, em qualquer oportu-

nidade que o doente recorde a vivência e seus ameaçadores efeitos emocionais, a pintura interpõe-se entre ele e a experiência, e assim mantém o terror à distância.” (CW 3, 260)

Muitas e muitas vezes testemunhamos a despotencialização de imagens aterrozantes por meio da pintura. Nesta exposição, por exemplo, pode ser vista gigantesca mulher com cabeça de cão (a mãe terrível Hécate), imagem alucinatória que enchia de pavor uma de nossas doentes. Pintando-a repetidas vezes, desgastou-se a carga energética da imagem que dentro de algum tempo, esvaiu-se. Desidentificações vegetais e animais processaram-se passo a passo em séries de imagens, opostos aproximaram-se, com o resultado de paralelas melhoras clínicas.

Em setembro de 1957 foi organizada uma grande exposição de pinturas de esquizofrênicos, vindas de vários países, por ocasião do 2º Congresso Internacional de Psiquiatria, reunido em Zurique. Levamos a contribuição de nosso Museu que dispunha, naquela data, de um acervo pequeno em relação aos aproximadamente noventa mil documentos plásticos que hoje possui. C.G. Jung foi o primeiro visitante da exposição brasileira. Examinou as imagens vindas de terra tão distante e comentou-as com o mais vivo interesse.

Assim, é um privilégio para o Museu de Imagens do Inconsciente apresentar ao público, nos salões do Museu de Arte Moderna, quando se comemora o centenário de nascimento do mestre, esta coleção de imagens pintadas livremente num hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro, documentação crua, sem qualquer retoque ou influência cultural, e que por isso mesmo confirma, evidencia, suas descobertas referentes à estrutura básica da psique.

Nise da Silveira

(Texto de apresentação da Exposição Imagens do Inconsciente, em comemoração ao centenário de nascimento de C. G. Jung, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1975)



Bibliografia

Site do Museu de Imagens do Inconsciente:

<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br>

Mostra Memória da Loucura - www.ccs.saude.gov.br

GULLAR, Ferreira. Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1996. (Coleção Perfis do Rio)

SILVEIRA, Nise. Cartas a Spinoza. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995.

SILVEIRA, Nise. Imagens do Inconsciente. Brasília : Alhambra, 1981.

Arqueologia da Psique - Catálogo da Exposição
Museu de Imagens do Inconsciente

Indicações de Leitura

AMARANTE, Paulo D. de C. Psiquiatria Social e Colônias de Alienados no Brasil (1830-1920).

Dissertação de Mestrado em Medicina Social : Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1982.

BASAGLIA, F.(coord). A Instituição Negada : relato de um Hospital Psiquiátrico. Rio de Janeiro : Graal,1985.

CASTEL, R. A Ordem Psiquiátrica. A Idade de Ouro do Alienismo. Rio de Janeiro : Graal,1978.

COSTA, Jurandir F. História da Psiquiatria no Brasil : um Corte Ideológico. 4 ed. Rio de Janeiro : Venou,1989.

ENGEL, Magali G. Os delírios da razão : médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro,1830-1930). Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2001.

FOUCAULT, M. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo : Perspectiva, 1978.

GOFFMANN, E. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo : Perspectiva, 1974.

MACHADO, Roberto.(org). Danação da Norma : a medicina e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro : Graal,1978.

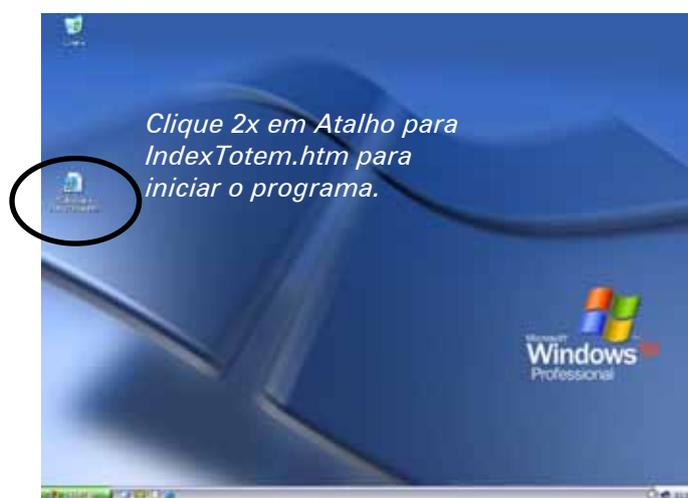


Anexo I

Treinamento Totem Multimídia

Ao iniciar o computador, aparece na área de trabalho o ícone Atalho para Index-Totem.htm.

Clicar nesse ícone para dar início ao programa do totem.



O programa do Totem CCS é feito no FLASH.

Ao iniciar, o programa CCS aparece na tela da seguinte forma:



O Programa CCS foi feito para rodar em tela cheia, ou seja, a barrinha do INICIAR não aparece. Isto é para evitar que os usuários utilizem o totem para jogar ou para outras atividades. Desta forma, ele poderá apenas navegar dentro do programa.

O Programa CCS tem 3 áreas básicas:

“Centro Cultural da Saúde” contém informações sobre o CCS.

“Mostra Virtuais” permite o acesso às outras mostras do CCS

“Em exibição” destaca a mostra Nise da Silveira e a Área Temática de Saúde Mental.

A qualquer momento, para voltar para esta tela inicial, basta clicar no logotipo do CCS na parte superior esquerda da tela.

Clique no logotipo para voltar à tela inicial



Se o usuário deixar diversas janelas abertas (por exemplo, se navegar por diferentes mostras), elas fecharão automaticamente após 5 minutos de inatividade, voltando para esta tela inicial.

Para Desligar o Computador:

Primeiramente, para sair do Programa CCS, passe o mouse sobre o branco na parte inferior esquerda da tela inicial. Dê um clique quando o cursor virar uma mãozinha. Este é um botão oculto de saída do programa.

Nesta área existe um botão oculto para fechar o Programa CCS.



Depois de sair do Programa CCS, você verá uma tela do Internet Explorer toda preta. Feche esta tela normalmente (Clicando no X vermelho no canto superior direito da tela). Agora, saia normalmente do Windows, clicando em Iniciar >>Desligar.



Para desligar o computador, existe um botão parecido com um parafuso, perto da base do totem que liga e desliga o computador, é o botão POWER do TOTEM.

Atenção:

Se o Programa CCS não estiver aparecendo, reiniciar o computador.

Sobre a chave do totem

Essa chave abre os dois compartimentos que ficam na parte de trás do totem. Deverá haver um único responsável pela sua guarda.

Para acionar o toque

No segundo compartimento, de cima para baixo, localiza-se o cabo que aciona o toque da tela.

O cabo USB é um cabo branco de ponta retangular.

SEMPRE ligar o totem com o cabo USB desconectado.

DEPOIS que o Windows estiver iniciado, com a área de trabalho aparecendo, CONECTAR o cabo USB novamente, para o computador poder reconhecer o toque.

No final do dia desconectar o cabo novamente.

No dia seguinte conectá-lo somente com o Windows iniciado.

Esta rotina deverá ser cumprida diariamente.

Possíveis problemas

1) Se o computador travar, devemos acionar a tecla Iniciar e depois a tecla Reiniciar. Se aparecer alguma mensagem do tipo AGUARDAR, FINALIZAR, Clicar em Finalizar, até o Windows ser reiniciado. O computador não deve ser desligado da tomada sem antes sair do Windows corretamente.

2) Se o computador travar no meio do Programa CCS, ir em Iniciar e depois em Reiniciar.

3) Se por algum motivo a apresentação falhar, a cópia da apresentação está na pasta MEUS DOCUMENTOS dentro de Disco Local (C:)

DRIVE C >> Meus Documentos

Pasta “Totem Final com arquivos Web”

CRIAR UM ATALHO NA ÁREA DE TRABALHO do arquivo “IndexTotem.htm”.

Jogar para a lixeira o atalho anterior.

Caso o problema não seja resolvido, comunicar-se imediatamente com o CCS, no telefone (21) 2240-5568 e falar com Ana Aparecida ou Rita Loureiro.

Solicitar, caso necessário, o apoio do responsável local pela exposição.





Anexo II

Rotina de Limpeza e Manutenção

A limpeza deverá ocorrer no mínimo três vezes por semana, da seguinte forma:

1 - Painéis: passar somente pano seco que não solte pelo.

2 - Vitrines: passar pano seco em toda a vitrine. Depois, passar pano com lustramóveis em toda a extensão da madeira. Nos vidros (apenas na parte externa) pano umedecido em solução de água e álcool.

3 - Totem multimídia: pano seco em toda a extensão. No visor e no mouse passar pano levemente umedecido em solução de água e álcool. No teclado, aspirador de pó.

4 - Banners de lona: pano úmido.

Manutenção:

1 - Oficina de desenho e pintura:

Lavar os pincéis diariamente.

Apontar os lápis de cor.

Cortar as cartolinas ao meio.

Anexo III

Outros procedimentos necessários

Mostra de Filmes

1 - Como forma de agregar valor à visita, deve ser sugerido ao acompanhante de grupos de usuários de Saúde Mental e aos professores acompanhados de grupos de alunos a escolha de um ou mais filmes para ser assistido e debatido com o grupo.

2 - Preencher planilha de visita da sala com o nº de visitantes e o vídeo ou dvd escolhido.

3 - No caso de visita de grupos, colocar a identificação do grupo e o nº de pessoas.

4 - Rebobinar as fitas de vídeo após o uso.

Folheteria

O Centro Cultural da Saúde disponibilizou para a mostra Nise da Silveira - Vida e Obra um quantitativo de folheteria que cubra o período proposto de exposição.

Alguns cuidados são necessários para que a distribuição contemple a todos os visitantes e alcance o público desejado.

Caso haja uma avaliação de que o quantitativo disponível não será suficiente até o final da exposição, o CCS deverá ser avisado com uma antecedência mínima de 25 dias, para que possamos avaliar a possibilidade de uma nova tiragem.

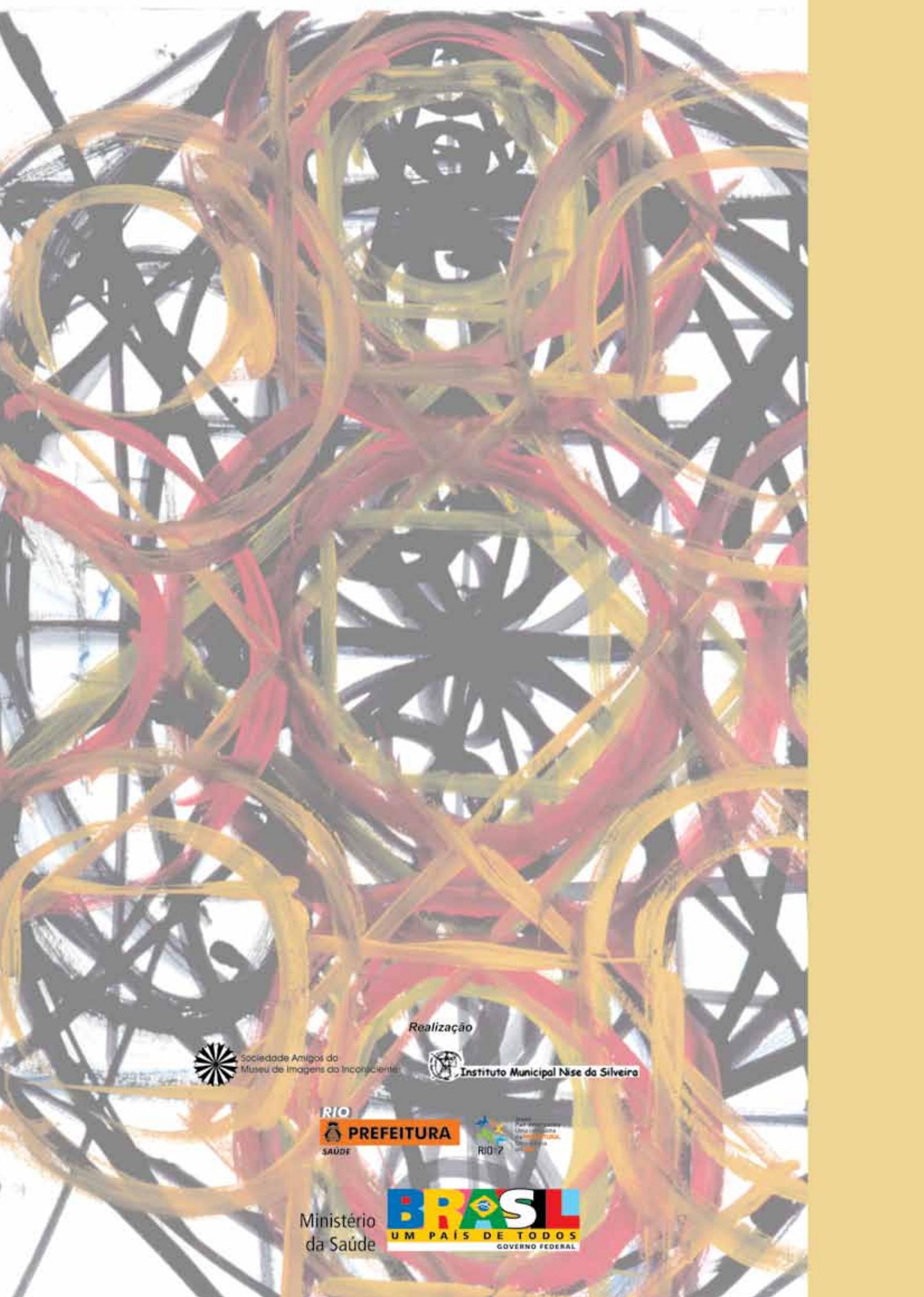
Catálogo de vídeos: por ser um material mais dirigido, indicamos a distribuição de 1 exemplar para cada professor, no caso de grupos escolares (ensinos médio e fundamental) e 1 exemplar para o acompanhante, no caso de usuários de Saúde Mental.

Marcador de livro: deve ser distribuído 1 exemplar por visitante.

Folder da mostra: deve ser distribuído 1 exemplar por visitante.







Sociedade Amigos do
Museu de Imagens do Inconsciente

Realização



Instituto Municipal Nise da Silveira

RIO



PREFEITURA

SAÚDE



Desafio
Para desenvolver
uma infraestrutura
sustentável
e eficiente
em 2016

Ministério
da Saúde

